

Arqueologia Bíblica Adventista

12

OS QUATRO IMPÉRIOS
DE DANIEL 7 [PARTE 3]
O urso e o leopardo alado.

20

FALAR MAL DOS OUTROS FAZ
MAL AO CORAÇÃO DOS SEUS
FILHOS! Consequências.

28

SER DISCÍPULO?...
É SEGUIR JESUS!
Jesus, um conquistador!



1 646188 618065

PUBLICADORA SERVIR
JUNHO 2018
N. 853 | ANO 78 | €1,90

3 Discípulo

Vem e Segue-me

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **António Amorim**

DIRETOR DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publishadora SerVir, S. A.**

DIRETOR **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES **Paulo Santos**
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1500 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL N.º **1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.

DR 8/99 ART.º 12.º N.º 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

junho

D	S	T	Q	Q	S	S
27	28	29	30	F	1	2
3	4	5	6	7	8	9
F	[11]	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
[24]	25	26	27	28	29	30

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

2 DIA DA ESCOLA SABATINA, DO ESTUDO DA BÍBLIA E DOS CURSOS À DISTÂNCIA

3 FORMAÇÃO PARA COLPORTORES

9 DIA INTERNACIONAL DOS MINISTÉRIOS DA MULHER

15-17 RETIRO DE MÚSICOS

16 REUNIÃO DE DIRETORES DE SAÚDE, POR REGIÕES

23 E 24 FORMAÇÃO PARA ANCIÃOS (RE SUL E MADEIRA E AÇORES)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

4-8 CASA PUBLICADORA ADVENT-VERLAG (GU)

11-15 UNIÃO ITALIANA (IU)

18-22 ASSOCIAÇÃO DA OLTÉNIA (RU)

25-29 ASSOCIAÇÃO BÁVARA (SGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[11] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[24] DOMINGO

julho

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	[16]	17	18	19	20	21
22	23	24	25	[26]	27	28
29	30	31	1	2	3	4

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1-3 CURSO DE INICIAÇÃO À COLPORTAGEM

1-28 CURSO DE PROMOTORES DE SAÚDE

1-31 COLPORTAGEM JOVEM

6-9 ACAMPAMENTO LOGOS

7 DIA DE JEJUM E ORAÇÃO

8 DIA NACIONAL DE ORAÇÃO DAS FAMÍLIAS

8-29 JOVENS POR JESUS

12-15 ACAMPAMENTO NACIONAL DE REBENTOS

15-24 ACAMPAMENTO NACIONAL DE DESBRAVADORES

22-29 ACAMPAMENTO NACIONAL DE TIÇÕES

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

2-6 ASSOCIAÇÃO DA VESTEFÁLIA-NORTE DO RENO (NGU)

9-13 ASSOCIAÇÃO DA MORÁVIA E DA SILÉSIA (CSU)

16-20 CASA PUBLICADORA VIE ET SANTÉ

23-27 UNIÃO BÚLGARA (BU)

30 JUL-3 AGO CASA PUBLICADORA BÚLGARA (BU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[16] SEGUNDA-FEIRA

[26] QUINTA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Factos confirmados
pela Arqueologia

05

PÁGINA DO LEITOR

34

Notícias nacionais
e internacionais
Descansou no Senhor

39

**DEPARTAMENTOS
SERVIÇOS
INSTITUIÇÕES**

ASA, 38 anos de Ação
Social Adventista
institucional em Portugal
*A ASA foi fundada pela
UPASD para oficializar a
sua atividade de apoio social.*

43

ESPAÇO JUVENIL

A Bíblia de Mary Jones
A Bíblia e a Arqueologia.

46

TESTEMUNHO

Uma vida de serviço
*As alegrias do Ministério
da Colportagem.*



3+ Discípulo

Descobrir * Desenvolver * Dar

DESCOBRIR

06

**A escavação arqueológica
Adventista em Hesbon**

*50º aniversário do empreendi-
mento arqueológico em Hesbon.*

12

**Os quatro impérios
de Daniel 7 [Parte 3]**

*Prosseguimos a interpretação
dos quatro animais.*

DESENVOLVER

20

**Falar mal dos outros faz mal
ao coração dos seus filhos!**

*A maldicência é devastadora
para a formação espiritual
dos jovens.*

24

Livre-se dos complexos

Complexos? Para quê?

DAR

28

**Ser discípulo?...
É seguir Jesus! [Parte 1]**

*Jesus quer fazer de nós colunas
na construção da Sua Igreja.*



EDITORIAL

Pr. António Amorim

Presidente da UPASD

Factos confirmados pela Arqueologia

Podemos dizer que a Bíblia é o livro da história do relacionamento entre Deus e a Humanidade. A história das origens, da queda e da restauração da Humanidade. A Bíblia revela a história do amor que Deus tem pela Humanidade, amor esse revelado por Jesus Cristo (João 3:16). Nesse sentido, tudo o que está escrito é para nosso ensino, conhecimento e relacionamento. É essa a ideia transmitida por Paulo: “Ora, tudo quanto outrora foi escrito, foi escrito para a nossa instrução, a fim de que, pela perseverança e pela consolação que dão as Escrituras, tenhamos esperança” (Romanos 15:4).

A Bíblia fala-nos de lugares, povos e acontecimentos antigos. Essas narrativas não são fábulas, nem histórias literárias, mas traduzem factos reais. A Arqueologia Bíblica ocupa-se da descoberta, da análise e da reconstituição dos factos narrados no Livro Sagrado, para dar um contributo importante para a história da Humanidade e, ao mesmo tempo, para provar a historicidade das narrativas bíblicas. Trata-se de desenterrar a verdade bíblica, seguindo as pistas indicadas pela revelação do Livro Sagrado. Entre as nações israelita e palestina, assim como entre as religiões judaica, islâmica e cristã, a Ar-

queologia Bíblica é usada também para definir direitos históricos a lugares, territórios e tradições religiosas. Para nós, Adventistas, a Arqueologia Bíblica é, sobretudo, importante para se conhecer melhor a história bíblica e para reforçar a credibilidade do texto sagrado.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos por Universidades e peritos Adventistas têm uma importância crescente e um enorme reconhecimento académico. Este é o tema central do artigo de fundo deste mês. Esses conhecimentos reforçam a nossa certeza e a nossa fé nos ensinamentos da Palavra de Deus. A validade das narrativas históricas reforça a validade das promessas espirituais. A confirmação do passado reforça a certeza das promessas futuras. Assim, esperamos, com a certeza da fé, o maior acontecimento na história da Humanidade: a volta de Jesus Cristo. Queremos estar firmes na fé em Deus e na Sua Palavra e dar testemunho dessa nossa fé. Como discípulos de Jesus Cristo, oramos, vencemos pela fé as nossas debilidades, aprofundamos o conhecimento da Palavra revelada, preparamo-nos e agimos para sermos mais eficazes em conduzir outros à salvação. Esta é a linha das reflexões que vos são propostas este mês.



PAULO LIMA

Editor da "Revista Adventista"

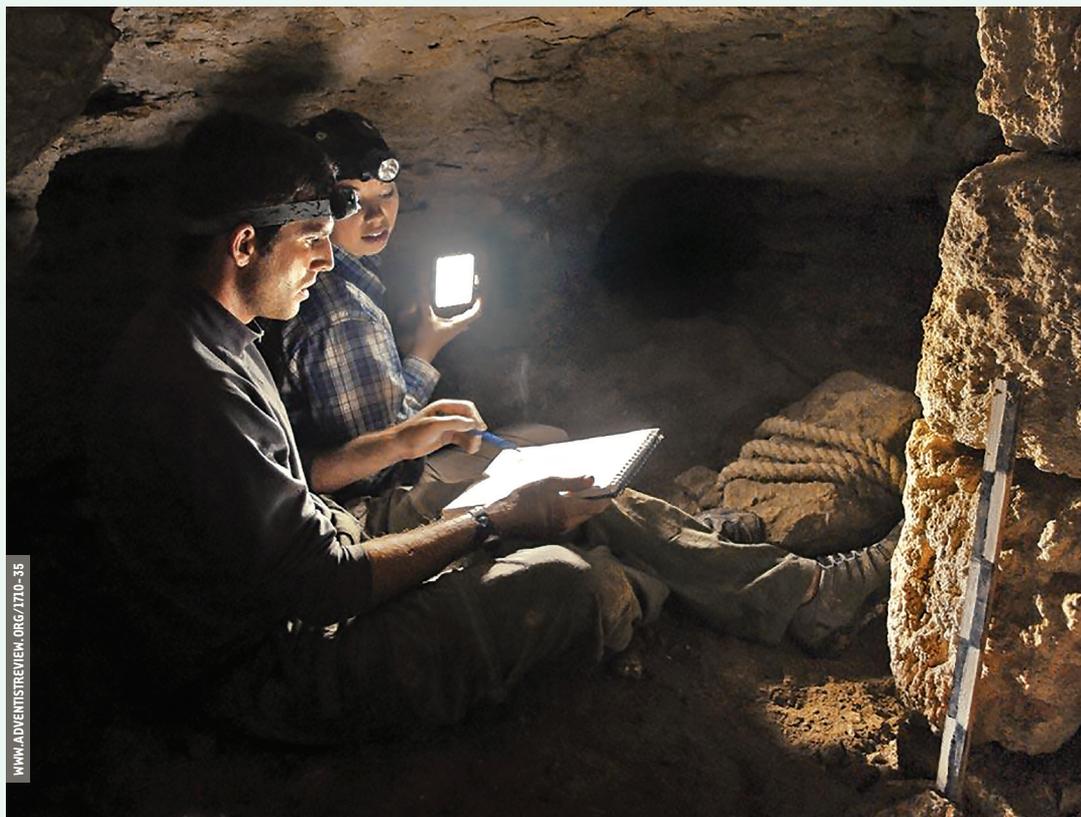
***“Caro Leitor,
Esta é a sua página.
Acolhemos aqui as suas
mensagens. Partilhe
connosco e com os demais
Leitores a sua reação aos
diversos artigos e às várias
secções da sua Revista
Adventista. Aguardamos
a sua participação.”***

Esta página é sua, para que possa partilhar as suas observações. Escreva uma mensagem (com o máximo de 100 palavras) e dê-nos a sua opinião sobre os artigos publicados e sobre a sua Revista Adventista.

A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA ADVENTISTA EM HESBON [CINCO DÉCADAS DEPOIS]



Oystein S. LaBianca
e Jeffrey P. Hudon
Arqueólogos
Retirado da Adventist Review
de outubro de 2017.



WWW.ADVENTISTREVIEW.ORG/IT10-35

Pontos de destaque e algumas realizações que marcam o 50º aniversário do empreendimento arqueológico em Tall Hisban, nome atual do sítio arqueológico de Hesbon, na Jordânia.

Os Leitores da *Adventist Review* foram os destinatários de uma série de artigos que foi aí publicada sobre as descobertas das expedições arqueológicas conduzidas pela Universidade Andrews à Hesbon bíblica, na Jordânia, de 1967 a 1976. Escritos pelos Professores Siegfried H. Horn e Lawrence T. Geraty, do Seminário Adventista da Universidade Andrews, os referidos artigos abordavam não apenas as descobertas que iluminavam a história bíblica, mas também o povo, os objetivos e os procedimentos científicos que faziam parte da expedição a Hesbon.

Jeffrey Hudon e eu (Oystein Labianca), enquanto líderes atuais das equipas de investigação arqueológica no local, iremos partilhar alguns pontos de destaque e algumas realizações que marcam o 50º aniversário do empreendimento arqueológico em Tall Hisban, nome atual do sítio arqueológico de Hesbon, na Jordânia.

Devemos muito aos diretores fundadores da expedição, Siegfried H. Horn, Roger Boraas e Lawrence T. Geraty. A equipa arqueológica original que pesquisou Hesbon adotou, rotineira e entusiasticamente, práticas inovadoras para a recolha e para a análise dos dados, chegando mesmo a ser pioneira na aplicação de novas metodologias. A expedição destacou-se na introdução de abordagens multidisciplinares para o estudo do passado da Jordânia, incluindo o estudo de restos de animais e de plantas, pesquisas inovadoras sobre a cultura material dos séculos islâmicos, estudos da vida na aldeia dos dias de hoje e, mais recentemente, o patrocínio da Arqueologia

Dúzias de arqueólogos profissionais jordanos e estrangeiros começaram ou desenvolveram a sua carreira trabalhando em Tall Hisban.

comunitária. Dúzias de arqueólogos profissionais jordanos e estrangeiros começaram ou desenvolveram a sua carreira trabalhando em Tall Hisban.

PODER E PRESTÍGIO EM HISBAN

Hisban (Hesbon, na Bíblia) desempenhou um papel significativo nas narrativas bíblicas e continuou a ter um papel importante também em períodos posteriores. Localizada a 885 metros acima do nível do mar, ao longo do planalto virado para o vale do Rio Jordão, o topo de Hisban permite-nos ter uma visão panorâmica da paisagem bíblica. Para sudeste, ao longo da Planície de Madaba, conhecida no Antigo Testamento como o “planalto” da Transjordânia, fica uma região muito disputada. Foi aqui que o rei David (I Crónicas 19), os reis israelitas Omri, Acab e Jeroboão (II Reis 14:25) e os reis Uzias e Jotão de Judá (II Crónicas 26:8-10; 27:5) combateram contra nações vizinhas para controlar este planalto com alto valor estratégico e agrícola. Os Amonitas e os Moabitas foram os adversários mais notáveis de Israel na região (Isaías 15 e 16; Jeremias 48 e 49).

A sudoeste de Hisban fica o Monte Nebo, uma destacada cordilheira que termina com dois picos.

A partir deste lugar privilegiado, Deus mostrou a Moisés toda a Terra Prometida e, depois, sepultou este grande líder de Israel num local desconhecido, algures na vizinhança do Monte Nebo (Deuterónimo 32-34).

Por causa da sua importante localização, bem como da sua dotação de boa quantidade anual de chuva, vales e encostas férteis e pedra calcária de boa qualidade para construção, Hisban tem sido um lugar perfeito para a demonstração de poder e de prestígio por parte de diversos governantes desde há três milénios. Assim, as escavações no local descobriram traços de uma longa sucessão de poderes regionais e imperiais que influenciaram a cultura material e a vida quotidiana em Hisban ao longo do tempo, incluindo Egípcios, Assírios, Neo-Babilónios, Gregos Ptolemaicos, Romanos, Bizantinos, Umayyades, Abássidas, Ayyubides, Mamelucos, Otomanos e Britânicos.

O mais antigo governante de Hisban referido na Bíblia, e a pessoa que é mais frequentemente associada com este local bíblico, é Seón, rei dos Amorreus (Números 21:21-34; Deuterónimo 2:24-32). Seón é famoso por ter tentado impedir Moisés e os Israelitas de viajarem ao longo do seu domínio, que ele tinha conquistado aos Moabitas. Apesar da mensagem de Israel, que declarava as suas intenções pacíficas, Seón fez sair o seu exército de Hisban para combater Moisés e Israel em Jaaz, perto do deserto, a leste. Seón e o seu exército pereceram pela espada e o Antigo Testamento preserva o poético “cântico de Hesbon” (Números 21:27-30), que recorda esta vitória israelita

sobre os Amorreus e também o seu saque da cidade de Hesbon.

Talvez a primeira pessoa a explorar plenamente o potencial de Hisban enquanto capital e centro administrativo tenha sido o rei Salomão, de Israel. I Reis 4:19 parece indicar que Hisban funcionou como capital do 12º distrito estabelecido por Salomão, sendo governada por um dos oficiais de Salomão, Geber, filho de Uri. Eclesiastes (2:4-6) e o Cântico dos Cânticos (7:4) indiciam que Hisban também serviu como uma das propriedades reais de Salomão. Em 1971, o Professor Horn e a sua equipa começaram a escavar um enorme reservatório retangular cortado na rocha da encosta sul de Hisban. O arqueólogo Larry Herr, que supervisionou a escavação desta instalação monumental, calculou que a capacidade do reservatório era de 2,2 milhões de litros de água!

Um extenso labirinto de cavernas e de cisternas subterrâneas sob Hisban atesta que, no passado, houve ali uma fonte que fornecia água aos habitantes de Hisban. Dado que uma tal quantidade de água excede em muito as necessidades de Hisban, o propósito primeiro do reservatório pode ter sido o de servir como tanque de reserva para irrigar, através de canais alimentados pela força da gravidade, uma extensa área de jardins e de pomares.

Embora não seja especificamente mencionada no Novo Testamento, Esbus (como era conhecida Hisban no período do Cristianismo primitivo) desempenhava um papel destacado no território da Pereia, governado pelas dinastias asmoneia e herodiana, e tinha um templo romano e um fó-



OS MEMBROS DA NOSSA EQUIPA ESTÃO AGORA A REALIZAR UMA PESQUISA FOCADA SOBRE OS ASPETOS RELIGIOSOS DE HISBAN.



WWW.ADVENTISTREVIEW.ORG/ATD-35

rum. Após o surgimento do Cristianismo, Hisban tornou-se numa sede episcopal, e bispos de Ebus estiveram presentes em importantes concílios da Igreja. A expedição original a Hesbon identificou e escavou parcialmente três igrejas bizantinas em Hisban. Os membros da nossa equipa estão agora a realizar uma pesquisa focada sobre os aspetos religiosos de Hisban durante o Novo Testamento, durante a Igreja Primitiva e durante os períodos islâmicos posteriores.

ARQUEOLOGIA A PARTIR DE BAIXO

No entanto, devemos notar que as nossas escavações em Hisban não forneceram confirmação arqueológica direta sobre qualquer dos indivíduos famosos citados na caixa que acompanha este artigo. Na verdade, a Arqueologia raramente fornece provas diretas a favor ou contra a existência de um qualquer governante em particular.

Embora a nossa pesquisa mostre que Hisban era um lugar para a demonstração de poder e de prestígio por parte

de conquistadores e de reis, ela também revela muito sobre a vida cotidiana dos seus súbditos locais – os lavradores, os artesãos e os mercadores que ocuparam o local ao longo do tempo. A sua história está bem preservada entre as muitas descobertas realizadas em Hisban.

Estes habitantes locais construíram e mantiveram dúzias de cisternas e de outras instalações hídricas espalhadas por todo o local de Hisban. Eles ampliaram e habitaram as cavernas vizinhas e construíram casas e redis nas suas encostas. Os habitantes de Hisban fabricaram muitos dos milhares de vasos e de outros utensílios domésticos descobertos durante as nossas escavações. Os ossos recolhidos em Hisban mostram que as pessoas povoaram Hisban com cavalos, burros, ovelhas, cabras, galinhas, pombas e, também, porcos.

A população local construiu socos nas encostas; plantou oliveiras e videiras; e usou bois para arar as planícies das cercanias, de modo a colher trigo, centeio e outros cereais. Ela fez tudo isto mantendo-se apegada às instituições de hospitalidade, honra e vergonha, e ao tribalismo como meio de garantir a segurança e a solidariedade face às ameaças exteriores. Ao seguir estas fórmulas testadas pelo tempo, o seu modo de vida sobreviveu às inúmeras mudanças de conquistadores, e prossegue até hoje.

O FUTURO DE HISBAN

Décadas de escavações no local resultaram num novo desafio: como preservar e proteger as ruínas expostas de Hisban das ameaças naturais e humanas? Enquanto arqueólogos,

temos de assumir parte desta responsabilidade e prover um futuro sustentável para Hisban. Esta preocupação conduziu-nos à mais recente fase do nosso trabalho, a saber: colaborar com a comunidade local, de modo a ajudá-la a tirar partido de Hisban enquanto destino turístico, ao mesmo tempo que ela nos ajuda a cuidarmos do local arqueológico. Esta prática é designada “Arqueologia comunitária”, e a nossa equipa em Hisban tem sido pioneira neste tipo de Arqueologia.

Com a ajuda da comunidade local, transformámos Hisban num parque arqueológico, onde três dúzias de sinais em árabe e inglês guiam os locais e os turistas ao longo de caminhos interpretativos bem estruturados. Um ferreiro local fez as tabuletas metálicas dos sinais, sobre as quais um professor local inscreveu textos explicativos, e um administrador é responsável pela manutenção do parque. Estas parcerias com a comunidade local são vantajosas para todas as partes e essenciais para o fomento de pequenos negócios e de empregos que resultarão indubitavelmente do desenvolvimento do parque arqueológico.

Na conclusão da nossa próxima sessão de campo, em julho de 2018, desejamos celebrar 50 anos de amizade e de cooperação entre nós e a comunidade local em Hisban. A nossa experiência com empreendimentos científicos, unida à colaboração com a comunidade local para a preservação do local, permitiu-nos apreciarmos os variados modos como podemos ser abençoados e ser uma bênção para os nossos amigos e vizinhos locais, e também para a ampla comunidade académica.

INDIVÍDUOS FAMOSOS ASSOCIADOS COM HUSBAN

As pessoas seguintes, representando vários reinos e Impérios antigos, deram uma forte notoriedade a Hisban e influenciaram a vida dos seus habitantes.

SEÓN (C. 1400 A.C.; AMORREUS)

Um rei amorreu atestado 37 vezes na Bíblia Hebraica (e.g., Números 21:21-34; Deuteronómio 2:24-32; e em vários outros contextos), Seón utilizou Hisban como epicentro de um domínio que se estendia do rio Arnon até ao rio Jabok, mas foi derrotado militarmente pela confederação tribal israelita, em Jaaz.

SALOMÃO (C. 970-931 A.C.; ISRAELITAS)

Sendo a pessoa mais famosa associada com Hisban, o rei Salomão sucedeu ao seu pai David como rei sobre Israel. I Reis 4:19 parece designar Hisban como a capital do 12º distrito instituído por Salomão, e os textos mais célebres de Eclesiastes 2:4-6 e de Cântico dos Cânticos 7:4 associam Salomão com Hisban e com o seu reservatório.

MESHA (C. 840 A.C.; MOABITAS)

Na bem conhecida Estela de Mesha, o rei moabita Mesha gaba-se da sua conquista da terra de Medeba (as planícies de Madaba; a mishor bíblica). Embora ele mencione as povoações vizinhas de Madaba e Nebo, Hisban não é mencionada; mas as reparações de reservatórios de Mesha noutros locais são notadas, pelo que é provável uma presença moabita em Hisban.

AMMINADAB (C. 600 A.C.; AMONITAS)

Uma garrafa de bronze com uma inscrição, desenterrada em Amã, provavelmente serviu como objeto destinado a honrar o rei amonita Amminadab. Os

académicos propõem várias interpretações, mas a parte essencial da mensagem parece gabar as propriedades reais de Amminadab, incluindo possivelmente a escavação de reservatórios de água. Esta mensagem pode aludir, pelo menos parcialmente, à prosperidade refletida em Hisban durante este período.

JOÃO HIRCANO (164-104 A.C.)

E ALEXANDRE JANEU (C. 127-76 A.C.)

Foram dois líderes asmoneus que controlaram Hisban. Embora as fontes históricas nada refiram, aparentemente João Hircano capturou Hisban durante uma incursão na Transjordânia, que também contava com as cidades de Medeba e Samaga. O seu filho, Alexandre Janeu, consolidou o governo judeu sobre a Pereia e sobre a Estrada Real e conquistou o Norte da Transjordânia.

HERODES, O GRANDE (C. 74-4 A.C.)

Nomeado Etnarca pelos Romanos, por volta de 39 a.C., Herodes capturou Jerusalém com a sua ajuda. Apropriando-se do título de rei sobre o antigo reino asmoneu, que incluía a Pereia, Herodes recebeu mais tarde este título de Roma. Hisban/Esbus estava aparentemente entre as cidades incluídas no seu imenso programa de construções públicas.

GENNADIUS (BISPO BIZANTINO)

Provando que Hisban serviu como sede episcopal, o bispo Gennadius de Ebus (Hisban) esteve presente no Concílio de Niceia em 325 d.C.. Outros bispos conhecidos de Ebus são Zosius, presente no Concílio de Calcedónia (451 D.C.) e Teodoro, recetor de uma carta congratulatória de Martinho I (c. 649 D.C.) sobre a sua posição contra a heresia.

OS QUATRO IMPÉRIOS DE DANIEL 7 [PARTE 3]



—
Paulo Lima
Editor da
Revista
Adventista

*“Eis um outro animal,
um segundo, semelhante
a um urso; e ele se erguia
sobre um lado e três
costelas estavam na sua
boca, entre os seus dentes.”*
*“... E eis um outro, como
um leopardo; e ele tinha
quatro asas de ave sobre
as suas costas; e o animal
tinha quatro cabeças.”*
(Daniel 7:5 e 6.)



Prosseguimos neste artigo a interpretação dos quatro animais que são os protagonistas da primeira parte do sonho profético narrado no capítulo 7 do livro de Daniel. Decifrámos num artigo anterior o significado do símbolo do leão com asas de águia. Vimos que ele representava o Império Neo-Babilónico, que dominou hegemonicamente a região do Mediterrâneo oriental entre 605 a.C. e 539 a.C.. No presente artigo iremos descodificar o significado do urso e do leopardo alado que figuram no sonho de Daniel. Veremos que, tal como o leão com asas de águia, cada um destes dois animais representa um Império que dominou a cena geopolítica do Médio Oriente. Começemos por interpretar o símbolo do urso.



O URSO

Depois do leão alado, “eis um outro animal, um segundo, semelhante a um urso; e ele se erguia sobre um lado e três costelas estavam na sua boca, entre os seus dentes; e assim lhe disseram: ‘Ergue-te e come muita carne’!” (Daniel 7:5.) Que Império é representado por este animal? Tal como fizemos no caso do leão com asas de águia, também aqui iremos recorrer à “analogia das Escrituras” como estratégia segura para respondermos a esta pergunta. De facto, no primeiro artigo desta série sobre Daniel 7:1-7 vimos que existe um paralelo entre a estrutura e os símbolos de Daniel 7 e de Daniel 8.¹ Isto significa que há uma forte correspondência simbólica entre o segundo animal de Daniel 7 (o urso) e o primeiro animal de Daniel 8 (o carneiro). Tal é evidente na medida em que os dois símbolos possuem o mesmo conteúdo semântico. Do urso é dito que “se erguia sobre um lado” (Daniel 7:5) e do carneiro é dito que tinha “duas pontas: e as duas pontas eram altas, mas uma era mais alta do que a outra” (Daniel 8:3). Estas características do urso e do carneiro são simbolicamente equivalentes. Indicam a existência de uma dualidade no Império que os dois animais representam e o domínio de uma das partes desse Império sobre a outra. Portanto, dada a equivalência simbólica que existe entre eles, o urso e o carneiro devem representar o mesmo Império. Pois bem, no capítulo 8 de Daniel é claramente dito que o carneiro simboliza o Império Medo-Persa (Daniel 8:20). Assim sendo, somos obrigados a concluir que o urso do capítulo 7 de Daniel também

simboliza o Império Medo-Persa. Esta identificação é amplamente confirmada pela interpretação exegética do símbolo do urso.

O urso-sírio-castanho (*Ursus arctos syriacus*) era muito comum no Médio Oriente do tempo de Daniel. Este urso podia pesar até 250 quilos e era um animal omnívoro, que se alimentava sobretudo de vegetais, mas também de carne, quando tinha a oportunidade. No Antigo Testamento é considerado, depois do leão, como o mais perigoso e o mais feroz animal selvagem que habitava a Palestina (I Samuel 17:34; II Samuel 17:8; II Reis 2:24; Provérbios 28:15; Lamentações 3:10; Oseias 13:8; Amós 5:19). No entanto, apesar de ser um animal perigoso até para o Homem, o urso é inferior ao leão em força e em ferocidade, sendo pesado e desajeitado nos seus movimentos. Ora, o urso é um símbolo perfeito para representar o Império Medo-Persa, pois ele era o maior predador presente no *habitat* das montanhas da Média e da Pérsia.²

No sonho de Daniel, é dito do urso que ele “se erguia sobre um lado”. Assim, o urso é retratado como estando a erguer ameaçadoramente um dos seus ombros, de modo a ficar pronto para usar de forma agressiva a sua pata desse lado. Está a preparar-se para atacar uma nova presa, depois de ter matado e consumido parcialmente uma outra presa (como indicam as três costelas na sua boca).

O facto de um lado do urso estar mais elevado do que o outro significa que o Império que ele simboliza consistia em duas partes, sendo uma delas mais destacada do que a outra. Ora,

sabemos que o Império Medo-Persa, como o seu nome indica, era composto pela integração original de dois povos, sendo que os Persas dominavam os Medos. Assim, o lado mais elevado do urso representa o povo persa, que assumiu uma posição dominante na aliança entre os Medos e os Persas. De facto, por volta de 650 a.C., os Persas eram vassalos dos Medos. Mas, em 550 a.C., Ciro II, o Grande, rei dos Persas, derrotou Astiages, rei dos Medos, seu suserano e seu avô, e passou a governar os dois povos. Desse modo, depois de terem sido seus vassalos, os Persas ganharam a supremacia sobre os Medos no Império Medo-Persa fundado por Ciro II. Esta interpretação do facto simbólico de que o urso se apresenta erguido de um lado é corroborada pela caracterização do Império Medo-Persa em Daniel 8. Em Daniel 8:3 é-nos apresentado um carneiro, “o qual tinha duas pontas; e as duas pontas eram altas, mas uma era mais alta do que a outra; e a mais alta subiu por último”. É claramente dito que este carneiro representa o Império Medo-Persa (Daniel 8:20). Pois bem, a imagem das duas pontas do carneiro é uma óbvia referência à dualidade de poder presente na associação dos Medos e dos Persas, sendo que os Persas são representados pela ponta mais alta que subiu por último, pois eles alcançaram finalmente a supremacia sobre os Medos após terem sido seus vassalos durante algum tempo. Ora, a ponta mais alta do carneiro de Daniel 8, a qual subiu por último, corresponde ao lado erguido do urso de Daniel 7. Assim, o lado erguido do urso simboliza

também a supremacia dos Persas sobre os Medos no Império Medo-Persa.³

Ao contemplar o urso, Daniel viu que “três costelas estavam na sua boca, entre os seus dentes”. Temos aqui uma indicação da voracidade do urso. O animal já tem pedaços de uma presa na sua boca. Dado que os animais de Daniel 7 simbolizam Impérios, o facto de eles serem representados como estando a devorar outros animais significa a sua atividade de conquista militar. Na verdade, as três costelas na boca do urso representam os três principais reinos conquistados pelo Império Medo-Persa: A Lídia (conquistada em 547 a.C.), a Babilónia (conquistada em 539 a.C.) e o Egito (conquistado em 525 a.C.). Os dois primeiros reinos foram anexados ao Império Medo-Persa por Ciro II, o Grande, e o terceiro por Cambises, o herdeiro de Ciro II.⁴

Finalmente, ao contemplar o urso, Daniel dá testemunho de que “assim lhe disseram; ‘Ergue-te e come muita carne!’”. Esta ordem pode ter sido emitida pelos “Vigilantes” (cf. Daniel 4:13, 17). Contudo, é mais provável que se trate de uma ordem impessoal. No aramaico bíblico não só a terceira pessoa do plural expressa frequentemente a forma passiva do verbo, como também são usadas usualmente formas plurais impessoais (sem um sujeito declarado), mas que implicam que Deus é a causa última da ação referida. Portanto, esta ordem dada ao urso equivale a um “passivo divino”. Assim sendo, trata-se de um decreto vindo de Deus. Tal ordem denota a autorização divina que legitima o domínio exercido pelo Império Medo-Persa no Médio Oriente entre

os séculos VI e IV a.C.. Ela significa que o Império representado pelo urso conquistaria e dominaria muitas nações. De facto, o Império Medo-Persa estendeu-se do Egito, no Ocidente, até ao Rio Indo, no Oriente. Foi o Império que controlou mais território na região do Mediterrâneo Oriental até à data do seu colapso. Assim, o urso devorador de muita carne simboliza perfeitamente o Império Medo-Persa, que se celebrou pela sua extensão e pela sua agressividade militar.⁵

A hegemonia do Império Medo-Persa no Mediterrâneo Oriental estendeu-se de 539 a 331 a.C.. 539 a.C. é o ano da conquista de Babilónia pelo persa Ciro II, o Grande. 331 a.C. é o ano da Batalha de Arbelá, em que o macedónio Alexandre, o Grande, concluiu a conquista do Império Medo-Persa.⁶

O LEOPARDO ALADO

Depois do urso, Daniel vê no seu sonho outro animal. Ele escreve que “estava vendo, e eis um outro, como um leopardo; e ele tinha quatro asas de ave sobre as suas costas; e o animal tinha quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio” (Daniel 7:6). Que Império é simbolizado por este animal? Vamos novamente usar a estratégia da “analogia das Escrituras”. Partindo do paralelo, já referido anteriormente, existente entre a estrutura e os símbolos de Daniel 7 e Daniel 8,⁷ descobrimos que há uma forte correspondência simbólica entre o terceiro animal de Daniel 7 (o leopardo alado) e o segundo animal de Daniel 8 (o bode). Tal correspondên-



LEGENDA: BATALHA DE ARBELA ENTRE ALEXANDRE MAGNO E DARIO III. FONTE: WWW.MOZAICO.COM

cia simbólica evidencia-se no facto de ambos os símbolos terem o mesmo conteúdo semântico. Primeiro, tal como o bode avança de modo tão célere que corre “sobre a terra, mas sem tocar no chão” (Daniel 8:5), também o leopardo – que se caracteriza pela sua celeridade – tem “quatro asas de ave nas costas” (Daniel 7:6). A posse de tais asas indica simbolicamente a extraordinária celeridade do animal. Segundo, tal como o bode tem “quatro chifres” sobre a cabeça (Daniel 8:8), que representam a posterior divisão do Império em “quatro reinos” (Daniel 8:22), também o leopardo possui “quatro cabeças” (Daniel 7:6), que representam a divisão em quatro do Império que simboliza. Concluimos assim que, dada a equivalência simbólica que existe entre eles, o leopardo alado e o bode certamente representam o mesmo Império. Ora,

em Daniel 8 é claramente dito que o bode representa o Império Greco-Macedónio. De facto, Daniel 8:21 afirma que o bode é “o rei da Grécia; e a ponta grande, que tinha entre os olhos, é o primeiro rei”. É evidente que, ao falar do bode como sendo o símbolo do “rei da Grécia”, Daniel tem em mente o *reino* da Grécia, pois ele declara imediatamente que a ponta grande possuída por esse bode é “o primeiro rei”, isto é, Alexandre Magno. Se a ponta grande do bode é o “primeiro rei”, é evidente que o bode em si mesmo só pode ser um *reino*. Esse reino é o Império Greco-Macedónio. Deste modo, somos forçados a concluir que o leopardo alado de Daniel 7 também simboliza o Império Greco-Macedónio, dado o paralelo simbólico existente entre ele e o bode de Daniel 8. Esta identificação é perfeitamente confirmada pela in-



terpretação exegética do símbolo do leopardo alado.

O leopardo é um feroz animal carnívoro, que se destaca pela sua extraordinária rapidez e agilidade quando ataca uma presa. É também notado pela paciência furtiva com que aguarda a oportunidade para cair de surpresa sobre a sua vítima. O Antigo Testamento destaca precisamente estas características do leopardo (Habacuque 1:8; Oseias 13:7; Jeremias 5:6).⁸

As quatro asas situadas nas costas do leopardo indicam que ele possui uma acrescida rapidez e agilidade de movimentos. O Império *Neo-Babilónico* foi representado por um leão com um par de asas de águia, pretendendo-se assim indicar a rapidez das suas conquistas militares. Ora, o leopardo alado tem *dois* pares de asas. Isto significa que a rapidez da expansão militar do Império que representa seria

extraordinária.⁹ É de notar que a rapidez das conquistas militares deste terceiro Império é também expressa pelo modo como Daniel caracteriza o bode no capítulo 8 do seu livro, o qual simboliza o mesmo Império representado pelo leopardo alado. Segundo o profeta, o bode seria tão rápido que viria “do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão” (Daniel 8:5). Ora, o Império Greco-Macedónio fundado por Alexandre Magno foi o resultado de uma fulgurante campanha militar. O jovem rei greco-macedónio começou a conquista do Império Medo-Persa em maio de 334 a.C. e só se deteve em agosto de 324 a.C.. Numa década, Alexandre estabeleceu o Império mais vasto alguma vez visto no Mediterrâneo Oriental, do Mar Adriático até ao Rio Indo e do Cáucaso até ao Oceano Índico. Embora o surgimento do Império Neo-Babilónico e do Im-

*É inegável que,
em Daniel 7, o urso
representa o Império
Medo-Persa e o leopardo
alado representa
o Império Greco-
-Macedônio.*

pério Medo-Persa tenha sido rápido, a celeridade do surgimento do Império Greco-Macedônio não tem paralelo na história do antigo Médio Oriente. Não existe outro exemplo na Antiguidade de uma conquista tão rápida, tão ampla e tão bem-sucedida.

As quatro cabeças, que são contemporâneas e que estão, presumivelmente, orientadas para os quatro pontos cardiais da Terra, indicam a existência de quatro divisões no Império simbolizado pelo leopardo. Estas quatro divisões também surgem representadas no símbolo do bode de Daniel 8, que representa o mesmo Império. De facto, Daniel diz-nos que a “grande ponta” do bode, que representa Alexandre Magno, foi quebrada, e no seu lugar surgiram quatro outras “pontas” (Daniel 8:8). Mais adiante, Daniel interpreta estas quatro pontas como simbolizando “quatro reinos que se levantarão da mesma nação, mas não com a força dela” (Daniel 8:22). Portanto, as quatro pontas do bode e as quatro cabeças do leopardo alado representam a mesma realidade: a divisão em quatro partes do Império simbolizado por esses dois animais.¹⁰ Ora, foi exatamente isso que aconteceu com

o Império Greco-Macedônio fundado por Alexandre Magno. Este morreu em junho de 323 a.C.. Depois de muitos conflitos, que culminaram na Batalha de Ipsus, em 301 a.C., os seus mais destacados generais dividiram o Império em quatro partes: Cassandro obteve o controlo da Grécia e da Macedónia; Lisímaco governou sobre a Trácia e uma boa parte da Ásia Menor; Seleuco I dominou a Síria, a Babilónia e toda a Ásia (à exceção da Ásia Menor e da Palestina); e Ptolomeu I tornou-se rei sobre o Egito e sobre a Palestina. Portanto, podemos afirmar com plena convicção que as quatro cabeças do leopardo alado representam os quatro reinos helenísticos fundados pelos Diádocos, os quatro generais que sucederam a Alexandre Magno.

O leopardo alado é o único animal acerca do qual é dito que “lhe foi dado domínio”. Já tinha sido dito do terceiro Império de Daniel 2, simbolizado pelo ventre e pelas coxas de bronze, que teria “domínio sobre toda a terra” (Daniel 2:39). Devido ao paralelismo estrutural e simbólico existente entre o sonho de Daniel 2 e o sonho de Daniel 7, sabemos que o leopardo alado e o reino de bronze representam o mesmo Império. Assim, a referência à concessão de “domínio” enfatiza o controlo político-militar que este terceiro Império exerceria sobre um amplo território. A construção impessoal passiva, que não indica o agente ou a causa, apresenta-se como um “passivo divino”. A soberania é dada ao Império simbolizado pelo leopardo alado por permissão de Deus. Portanto, o controlo político-militar que Alexan-

dre Magno obteve sobre o território conquistado ao Império Medo-Persa foi o resultado da providencial permissão divina. Embora a unidade política do Império Greco-Macedônio não se tenha mantido por muito tempo após a morte de Alexandre Magno, a língua e a cultura gregas uniram os povos do Império mais estreitamente do que poderia fazer uma forte dominação política centralizada numa única monarquia helenística.

A hegemonia do Império Greco-Macedônio no Mediterrâneo Oriental, primeiro unido sob Alexandre Magno e depois dividido nas várias monarquias helenísticas, estendeu-se de 331 a.C. até 146 a.C.. A primeira data assinala a Batalha de Arbela, em que Alexandre Magno derrotou o rei persa Dario III e conquistou o Império Medo-Persa. A segunda data mar-

ca o momento em que Roma anexou o reino helenístico da Macedónia, de onde Alexandre tinha saído para conquistar o mundo.¹¹

CONCLUSÃO

Chegou o momento de concluir. Fomos capazes de interpretar os símbolos do urso e do leopardo alado e identificámos os respetivos referentes históricos. É inegável que, em Daniel 7, o urso representa o Império Medo-Persa e o leopardo alado representa o Império Greco-Macedônio. No próximo artigo continuaremos a interpretar Daniel 7:1-7, decifrando exegética e historicamente os símbolos do animal terrível e dos seus dez chifres. Encerraremos também esta série de artigos com uma conclusão geral acerca das lições a tirar da interpretação de Daniel 7:1-7 que realizámos.

1

Paulo Lima, “Os quatro impérios de Daniel 7 (Parte 1)”, *Revista Adventista*, vol. 78, n.º 849, fevereiro de 2018, pp. 14 e 15.

2

Samuel R. Driver, *The Book of Daniel*, Cambridge: Cambridge University Press, 1900 [facsimile ed.: Forgotten Books, 2012], p. 82. Zdravko Stefanovic, *Daniel – Wisdom to the Wise*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2007, p. 251.

3

Stephen R. Miller, *Daniel* (The New American Commentary), Nashville, Tenn.: B. & H., 1994, p. 198. Andrew E. Steinmann, *Daniel* (Concordia Commentary), Saint Louis: Concordia, 2008, p. 344. J. E. H. Thomson, *Daniel* (The Pulpit Commentary), new ed., London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 209.

4

Carol A. Newsom, *Daniel – A Commentary*, Louisville, Kent.: Westminster John Knox Press, 2014, p. 224. Edward J. Young, *The Prophecy of Daniel – A*

Commentary, Grand Rapids. Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1980 (1st ed. 1949), p. 145.

5

Andrew E. Steinmann, *Daniel*, p. 338.

6

Carl Grimberg, *História Universal – Volume 2: Os Persas. De Micenas à Grécia Clássica*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1965, pp. 13-23. John B. Harrison and Richard E. Sullivan, *A Short History of Western Civilization*, 3rd ed., New York: Alfred A. Knopf, 1971, pp. 69-75; V. Diakov e S. Kovalev, *História da Antiguidade – A Sociedade Primitiva. O Oriente*, Lisboa: Editorial Estampa, 1976, pp. 304-315. Claude Mossé (ed.), *História do Mundo Antigo* (Biblioteca de História Larousse, vol. 1), [s. l.]: Círculo de Leitores, 2016, pp. 209-215.

7

Paulo Lima, “Art. cit.”, pp. 14 e 15.

8

Samuel R. Driver, *The Book of Daniel*, p. 83. Francis D. Nichol (ed.), *The*

Seventh-day Bible Commentary, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1977 (1st ed. 1955), vol. IV, p. 821.

9

James A. Montgomery, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel* (The International Critical Commentary), Edinburgh: T. & T. Clark, 1972 (1st ed. 1927), p. 290.

10

Stephen R. Miller, *Daniel*, p. 200. Andrew E. Steinmann, *Daniel*, p. 345.

11

Jean Hatzfeld, *História da Grécia Antiga*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 3ª ed., 1988, pp. 251-274, 346-352. Marie-Claire Amouretti e Françoise Ruzé, *O Mundo Grego Antigo*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993, pp. 290-301. Carl Grimberg, *História Universal – Volume 3: Do Apogeu da Grécia Clássica à Civilização Helenística*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1966, pp. 163-197.



FALAR MAL DOS OUTROS FAZ MAL AO CORAÇÃO DOS SEUS FILHOS!



Rui Bastos
Pastor

No mundo físico não é assim que acontece, mas no âmbito espiritual pode suceder algo do género – eu faço algo e outro sofre as consequências!

Imagine, por um instante, que cada vez que comesse de forma intemperante, o fígado da sua esposa ou do seu marido se ressentisse; ou que cada vez que exagerasse na prática de desporto, quem ficasse com dores musculares fosse o seu filho...

No mundo físico não é assim que acontece, mas no âmbito espiritual pode suceder algo do género – eu faço algo e outro sofre as consequências!

SEM RODEIOS

Causamos um grande dano à formação do carácter dos nossos filhos quando nos damos a liberdade de falar mal de alguém diante deles. A maledicência é mais devastadora para a formação espiritual de um jovem do que normalmente pensamos.

Difamar o carácter de alguém é algo que um Cristão jamais se devia permitir, por todas as razões éticas e morais que conhecemos; mas, se pensarmos no efeito que um comentário sarcástico ou uma insinuação malicio-

sa podem ter sobre a mente dos nossos jovens, isso eleva o problema a um nível bastante mais grave!

As seguintes afirmações de Ellen G. White são de uma lucidez arrepiante, no que toca ao tema da maledicência no lar e ao seu efeito sobre a espiritualidade dos filhos: “Os filhos desses queixosos escutam de ouvidos abertos e recebem o veneno da desafeição. Os pais fecham assim, cegamente, os meios pelos quais poderia ser alcançado o coração dos filhos. Quantas famílias temperam as suas refeições diárias com dúvidas e críticas! Dissecam o caráter dos seus amigos e servem-no como delicada sobremesa. Um precioso bocado de maledicência é passado ao redor da mesa, para ser comentado, não só por adultos, mas também por crianças. Nisso Deus é desonrado. Disse Jesus: ‘Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.’ Mateus 25:40. Portanto, Cristo é menosprezado e profanado pelos que difamam os Seus servos.” – Ellen G. White, *Conselhos para a Igreja*, p. 180.

A respeito das críticas que se fazem aos líderes das igrejas, Ellen G. White escreveu: “As crianças não têm deixado de ouvir as observações desrespeitosas dos pais com referência às solenes repreensões e advertências dos servos de Deus. Têm compreendido os escarnecedores gracejos e as palavras depreciativas que, de tempos a tempos, lhes têm chegado aos ouvidos, e a tendência tem sido nivelar, na sua mente, os interesses sagrados e eternos, com os negócios comuns do mundo. Que obra realizam esses pais,

fazendo dos seus filhos uns incrédulos, já na infância! Desta maneira é que as crianças são ensinadas a serem irreverentes e a se rebelarem contra as repreensões do pecado, enviadas pelo Céu.” – Ellen G. White, *Conselhos para a Igreja*, p. 181.

Sobre a dificuldade que alguns têm de entender a rebeldia ou o desinteresse religioso dos filhos: “Admiram-se de que seja tão difícil alcançá-los por influências morais e religiosas. Tivessem eles visão espiritual, e descobririam desde logo que esse deplorá-

A maledicência é mais devastadora para a formação espiritual de um jovem do que normalmente pensamos.

vel estado de coisas é resultado da sua própria influência doméstica, produto dos seus ciúmes e da sua desconfiança. Assim, muitos incrédulos são feitos nos círculos familiares de professos Cristãos.” – Ellen G. White, *Conselhos para a Igreja*, p. 181.

EM FORMA DE SÍNTESE

Depois de lermos estas citações, poderemos destacar quatro aspetos do efeito que o ato de criticar outros tem sobre a espiritualidade dos filhos:

1. ***Ironia e sarcasmo.*** A habilidade de decifrar a ironia é algo que se desenvolve num período mais adiantado da vida, resultando de uma forma mais elaborada e complexa de comunicação. Normalmente, as crianças e os mais



jovens têm dificuldade em entender quando os pais dizem algo em tom irônico ou sarcástico, que significa exatamente o contrário ou que tem sentido dúbio. É confuso para a criança ver os seus pais ou outros adultos de referência falarem de maneira cifrada e com ironia a respeito deste ou daquele... Isto perturba a sua lógica, simples e idealista por natureza.

2. O valor das opiniões dos adultos.

Todas as crianças ou todos os jovens tendem a tomar como uma verdade absoluta qualquer afirmação que ouviram aos adultos em quem confiam. Se, em casa, escutam comentários negativos sobre alguém, imediatamente a sua jovem mente regista essa informação como um padrão. Como a criança tende a ser maniqueísta, tudo é arrumado na sua memória em apenas dois setores: o Bom e o Mau.

3. Lição de hipocrisia. Os jovens têm dificuldade em entender como, na vida social, os pais podem ser tão cordiais com alguém sobre quem se fizeram em casa comentários tão depreciativos. Sem que se apercebam, estão a dar aos filhos um curso intensivo da “arte da dissimulação”, isto é, de hipocrisia.

4. Perda precoce de inocência. Os comentários maliciosos e cruéis sobre os defeitos e as falhas dos outros instalam na mente da criança e do jovem um estado de receio e de generalizada desconfiança contra tudo e contra todos. A criança ou o jovem deixa de acreditar na generosidade, na benignidade; passa a duvidar de que alguém tenha motivações autênticas e genuinamente boas. Sendo que a própria re-

ligiosidade passa a ser vista como uma utopia. O espírito de crítica de alguns pais está a minar a fé dos filhos, tornando-os incrédulos e endurecidos ao toque do Espírito Santo.

PALAVRA TORPE

Veja o que Paulo disse aos crentes da Igreja em Éfeso: “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que seja boa para a necessária edificação, a fim de que ministre graça aos que a ouvem” (Efésios 4:29).

A proposta do apóstolo é simples e muito didática. A conversação de um crente deve ser digna e não caracterizada pela leviandade e imprudência. Além disso, deve ter em conta que seja edificante, de forma a transmitir aos ouvintes a mais importante das mensagens: Deus é misericordioso e nisto consiste a Sua glória!

Repare que Paulo não está a dizer que o Cristão seja uma figura cinzenta e indiferente, como um bloco de pedra; o que o apóstolo está a dizer é que aquele que se diz seguidor de Cristo deverá ser como o Mestre: ver, pensar, falar e agir como Jesus via, pensava, falava e agia. Enfim, ter a mente de Cristo (I Coríntios 2:16)!

“Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que seja boa para a necessária edificação, a fim de que ministre graça aos que a ouvem” (Efésios 4:29).

Mesmo os nossos comentários jocosos deveriam ser passados por esse “crivo”, pois quantas vezes na brincadeira se dizem coisas cruéis, inconvenientes e de gosto questionável? Tal atitude descontraída e brincalhona pode ser o embrião do escárnio (Salmo 1:1).

POR ISSO...

Quando um Cristão se permite falar mal de outra pessoa diante de um filho, precisa de ter a consciência de que pode estar a causar um dano irreversível à sua espiritualidade, reprimindo a sua capacidade de ser benevolente e puro de coração (ver Mateus 5:7 e 8), demolindo a sua disposição de acreditar em Deus como o Senhor do impossível. Está a decretar uma sentença sobre este jovem crente, condenando-o a viver apenas no lado obscuro da vida, enquanto deixa de contemplar o espetáculo luminoso da ação do Espírito Santo, quando Ele transforma vidas e faz maravilhas!

Vivemos no período mais emocionante da história da Humanidade, em que diante dos nossos olhos se estão a cumprir as antigas profecias bíblicas. As gerações de crentes que nos antecederam teriam dado tudo para ver e viver o que nós vemos e vivemos diariamente, contudo é possível que esteja a comprometer-se a espiritualidade de uma geração, minando a sua fé em Deus e comprometendo a sua capacidade de estar firmemente preparada para a gloriosa vinda de Jesus à Terra.

Não pode haver um contrassenso maior na vida de um Cristão: um crente que não crê, porque foi ensinado a deixar de acreditar... Trágico, não é?!

Isto é algo para se pensar...

LIVRE-SE DOS COMPLEXOS

Sérgio V. Collins
Médico

*“Tenho medo das
pessoas. Cada vez
que preciso de
falar com alguém,
sinto-me perplexo
e embaraçado.”*



– A minha vida tem sido um inferno, desde o dia em que casei com um homem terrivelmente ciumento – dirá uma mulher.

– Sou feio, e, por isso, as raparigas não me querem. O que posso fazer para me tornar bonito? – perguntará um jovem, desgostoso.

– Estamos casados há um ano e meio, temos um bebé de cinco meses, mas o meu marido lamenta-se de ter casado tão cedo, porque não pôde desfrutar da vida! ... Agora deseja que nos separemos, por algum tempo, para poder fazer tudo o que lhe agrada em matéria de diversões. Estou desesperada e não sei o que hei de fazer – diz uma jovem desolada.

– Tenho medo das pessoas. Cada vez que preciso de falar com alguém, sinto-me perplexo e embaraçado – queixa-se um jovem.

– Sou um inútil. Não sirvo para nada. Os outros podem progredir e ser bem-sucedidos em tudo, mas eu fico sempre para trás!... Nunca serei capaz de me distinguir em qualquer coisa! – queixa-se outro.

– Tenho sido infiel ao meu marido e ele não o sabe. Agora, sinto-me aflita e ansiosa. Como caí tanto! Sujei toda a minha vida e a recordação da minha falta fere-me a consciência. Como gostaria de apagar a lembrança da minha infidelidade! – exclama alguém.

Poderíamos citar muitos outros casos de pessoas que sofrem pelo facto de possuírem pontos fracos ou lacunas na sua personalidade, o que faz com que se sintam prisioneiras do que, em sentido amplo e geral, poderíamos chamar “complexos”.

Culpabilidade, inferioridade, ciúme, medo, falta de maturidade, desvalorização de si mesmo, suscetibilidade, irritabilidade... a lista é enorme e nada agradável. Quando descobrimos algum “complexo” na nossa personalidade, experimentamos desalento, frustração e até vergonha. Sentimos o desejo de nos libertarmos desse complexo.

Mas, como? Ah!... O psicanalista! Magnífica solução. No entanto, o nosso entusiasmo arrefece quando pensamos nas horas que teremos de passar recostados no divã, falando de tudo o que nos vier à memória. E arrefece ainda mais, quando descobrimos que os longos meses, e até anos, de tratamento nos custarão uma soma astronómica. “Não, isto não é para mim! Prefiro ficar com os meus complexos!” Não corramos, porém, tão depressa. Há de haver outra solução. Sim, cremos, firmemente, que existe outra solução!

Vamos ler, com atenção, o seguinte parágrafo escrito pelo Dr. William Glasser, famoso psiquiatra de Los Angeles, Califórnia: “Se queremos valer alguma coisa, devemos manter uma norma de elevada conduta. Para o conseguirmos, temos de aprender a nos corrigirmos, quando procedemos mal, e a darmos-nos crédito, quando procedemos bem. Os princípios morais, as normas, os valores e a conduta correta ou incorreta estão todos intimamente relacionados com a satisfação da necessidade de nos sentirmos dignos e valiosos” (*Reality Therapy*, p. 13). Diz, ainda mais, o Dr. Glasser: “Insistimos em que eles devem fazer todo o possível para alcançar normas mais elevadas” (*Idem*, p. 59).

***“Não to mandei eu?
Sê forte e corajoso; não
temas, nem te espantes,
porque o Senhor teu Deus
é contigo por onde quer
que andares” (Josué 1:9).***

Consideremos estes conceitos. O Dr. Glasser diz que, se desejarmos ficar livres desses estorvos e conflitos que tolhem a nossa personalidade, temos de nos preocupar em alcançar princípios morais, normas de conduta e valores espirituais superiores. Isto é importantíssimo para quem deseja desembaraçar-se dos seus complexos, porque um bom número deles é ocasionado pela nossa conduta imprópria, incoerente, errada e insensata.

Por certo, outros complexos (sempre no sentido mais amplo) surgem por causa de experiências desfavoráveis, vergonhosas ou frustrantes ocorridas na infância ou na adolescência, quando a pessoa não podia compreendê-las ou suportá-las. Por exemplo, se um pai costuma gritar para o filho: “És um animal! Estúpido! Não prestas para nada!”, por certo o filho pensará que realmente não serve para nada, ficando, daí em diante, retido nas malhas do “complexo de inferioridade”.

Visto ser tão fundamental ter normas e princípios para dirigir a vida pessoal, onde é que os podemos encontrar? O maior conjunto de normas, valores e princípios morais capazes de transformar a vida e de eliminar até os complexos mais molestos e humilhan-

tes encontra-se ao nosso alcance, na Bíblia. Vejamos, por exemplo, o caso do complexo de inferioridade.

Nos tempos antigos, mais de dez séculos antes do nascimento de Jesus Cristo, um jovem israelita chamado Gedeão recebeu diretamente de Deus a ordem de combater as tribos midianitas que hostilizavam Israel. Mas Gedeão sentia-se inferior e incapaz de levar a cabo a tarefa e desculpou-se, dizendo: “Com que livrarei Israel? Eis que a minha família é a mais pobre em Manassés, e eu o menor na casa de meu pai” (Juízes 6:14 e 15). Deus deu-lhe uma resposta determinante, que teve a virtude de conferir coragem, intrepidez e resolução à débil e temerosa personalidade de Gedeão. Essa réplica divina dissipou o sentimento de inferioridade que aprisionava o jovem israelita. Eis a resposta que ele recebeu: “Já que eu estou contigo, ferirás os midianitas como se fossem um só homem” (versículo 16). Como resultado, Gedeão alcançou vitórias retumbantes e transformou-se num chefe valoroso e respeitável. Assim, também Deus pode ajudar o nosso prezado Leitor a vencer os seus complexos. Deus promete: “Estarei contigo.” Sendo assim, não será, porventura, conveniente estudar assiduamente a Bíblia para receber o benefício dos seus ensinamentos?

Sofre o nosso prezado Leitor de um complexo de culpabilidade? Todos temos necessidade de nos libertarmos dos sentimentos de culpa, porque deprimem e reduzem a vitalidade. Quando o rei David, monarca de Israel, cometeu o pecado de adultério com a esposa de um dos seus soldados, ao qual man-



dou matar, experimentou um terrível sentimento de culpa, a tal ponto que, como ele mesmo declarou: “Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos constantes gemidos, todo o dia” (Salmo 32:3). Finalmente, não foi capaz de continuar a suportar essa situação e resolveu confessar o seu mal: “Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei... e tu [Deus] perdoaste a iniquidade do meu pecado” (versículo 5).

A confissão dos pecados a Deus, depois de a pessoa se arrepende sinceramente, faz desaparecer os sentimentos de culpa, porque Deus nos dá a absoluta certeza de perdão. “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça” (I João 1:9). Porque não havemos de

aproveitar este magnífico recurso para conseguir a paz mental de que tanto necessitamos?

Se temos algum complexo que nos desalenta, usemos para nosso benefício esta promessa que Deus fez a um general: “Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor teu Deus é contigo por onde quer que andares” (Josué 1:9). Apegando-nos a esta maravilhosa promessa, dediquemo-nos a viver com intensidade enquanto nos preparamos para uma vida melhor no mundo renovado que Jesus Cristo nos promete. Rejeitemos toda a conduta irresponsável e aprendamos a portarmo-nos à altura do que Deus espera de nós: com otimismo, confiança e ânimo. É este o melhor remédio para nos livrarmos dos complexos.



SER DISCÍPULO?... É SEGUIR JESUS! [PARTE 1]



—
Pedro Ribeiro
*Ancião e fundador da Escola
de Discipulado na IASD do Porto*

Jesus, o maior conquistador de discípulos de todos os tempos, é assim, desconcertantemente simples.

Jesus fundou a Sua Igreja no cenário pitoresco de uma praia da Galileia, fazendo algo muito impopular para aqueles dias (e também para os nossos), exortando: “Arrependei-vos...”, e explicando logo a razão desse imperativo: “...porque é chegado o reino dos céus”, que era Ele próprio. Depois, abeirou-Se daqueles que, em silêncio e na comunhão com o Pai, já tinha escolhido e, sem qualquer introdução, explicação ou justificação, apenas convidou: “Vinde... Segui-me, e farei de vós pescadores de homens” (Mateus 4:19). Jesus, o maior conquistador de discípulos de todos os tempos, é assim, desconcertantemente simples. Vai direto ao coração, tocando e alcançando a profundidade da alma. E tudo muda, já nada volta a ser como era antes. Assim foi com os Seus pri-



meiros discípulos, assim foi comigo, assim continua a ser hoje com cada um de nós, e assim será até ao fim dos tempos, quando Jesus vier buscar e salvar todos aqueles que, ao Seu convite: “Segue-me”, responderam: “Seguirei!”

Foi assim que Jesus, no início do Seu extraordinário ministério, fundou a Sua Igreja. Uma Igreja construída sobre os alicerces dos primeiros (doze) discípulos; também com as paredes de muitos e bons discípulos, com portas e janelas de pequenos discípulos, com colunas fortes de grandes discípulos e com o telhado protetor de discípulos cuidadores. É uma Igreja que cresce todos os dias e nunca para de aumentar, não só em número, mas, sobretudo, em beleza – na beleza do caráter de Jesus refletida nos Seus discípulos e espelhada para o mundo como

uma luz que convida no seu brilho de amor: “Vem tu também! Segue Jesus! Recebe a marca do Seu caráter na tua vida, une-te ainda mais à Sua Igreja e participa ativamente na grande mudança, na grande transformação e na grande revolução que Jesus iniciou, um dia, naquela praia da Galileia!” Neste ponto, é inevitável lembrar-me do hino “Dá Teu Coração a Jesus” (nº 183 do *Hinário Adventista*):

“Vem logo, sem hesitar
Vem a Jesus te entregar!
Oh, busca em Cristo o perdão,
E dá-Lhe teu coração...”

PORQUÊ UMA ESCOLA DE DISCIPULADO?

[MÓDULO 1] A COMISSÃO* DIVINA

Toda a viagem de fé começa com o primeiro passo de fé. Mas, a não ser que in-



Não importa quão criativos possamos ser nas nossas ideias para o evangelismo,

o método de Cristo deve ser sempre o nosso modelo principal.

teriorizemos a ordem do Senhor Jesus, poderemos nunca cumprir a Sua Grande Comissão. Não há nada que nos dê maior alegria e maior prazer no fundo do nosso coração do que ver o trabalho de Deus avançar! Quando consideramos a Bíblia, tanto em símbolos como em texto, descobrimos que o foco do povo de Deus é *partilhar* o Evangelho com alguém que esteja a necessitar e finalizar a *Comissão* final que Jesus nos confiou. Em Apocalipse 14, o Senhor diz: “Vão ao mundo inteiro e partilhem o evangelho eterno!” Mas, a grande pergunta é: “Eu compreendo isso, e eu quero... Mas como? Como é que eu faço isso? Eu não sou um pastor, eu não sou um obreiro, como é que eu partilho?”

Quando vemos alguém que, em resultado do nosso trabalho, da nossa entrega e da nossa cooperação com o Espírito Santo, está prestes a descer às águas batismais para passar pela maravilhosa experiência do novo nascimento, é quase irreprimível o pensamento: “Senhor, eu quero fazer este trabalho pelo resto da minha vida! Senhor, não



há prazer maior do que trazer outros para Te conhecerem!”

Essa deve ser também a razão pela qual deves ser um *Discípulo 3D*, um discípulo que *Descobre* Deus e a Sua Palavra; *Desenvolve* relacionamentos para a vida eterna; e *Dá* testemunho da sua fé. Ser discípulo é ter esta mesma paixão e este mesmo prazer! O desejo que temos de que outros tenham a mesma experiência em Cristo que nós temos hoje!

Como podemos ser ganhadores de almas eficientes na nossa Igreja e na nossa comunidade? Esta pergunta induz-nos a fazermos outras perguntas de carácter muito mais pessoal e específico:

- Qual é o chamado de Deus para a minha vida?
- Qual é o meu papel na Sua missão?
- Como posso eu abreviar a vinda de Jesus?

[MÓDULO 2] APENAS O MÉTODO DE CRISTO

Não importa quão criativos possamos ser nas nossas ideias para o evangelismo, *o método de Cristo deve ser sempre o nosso modelo principal*. “E se abrires a tua alma ao faminto, e fartares a alma aflita; então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares áridos, e fortificará os teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas nunca faltam” (Isaías 58:10 e 11).

“Só o método de Cristo dará verdadeiro êxito ao aproximarmos do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como Alguém que desejava o seu bem. Manifestava simpatia por eles, ajudava-os nas suas necessidades e ganhava a sua confiança. Depois ordenava-lhes: ‘Segue-Me’” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 94, ed. P. SerVir).

[MÓDULO 3] A NOSSA MAIOR NECESSIDADE

Cristo deseja preencher-nos com o Seu Santo Espírito, mas Ele não força a Sua entrada em nós. Devemos desejar render tudo o que nos impede de ter uma experiência mais profunda com Ele.

“E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). Já alguma vez oraste fervorosamente por um reavivamento e, no entanto, continuaste a sentir-te vazio? Talvez tenhas assistido a reuniões de reavivamento e tenha acon-

tecido que todas as outras pessoas à tua volta tenham sido cheias do amor por Cristo e da paixão pelo ministério; contudo, tu voltas para casa sentindo-te vazio e dizendo para contigo: “*Senhor, porque é que não sinto a alegria e a paixão que os outros estão a sentir?*”

Muitas vezes nós somos como uma garrafa de água. Imagina pegares na garrafa e esvaziáres a água na pia, abrires a torneira e segurares ali a garrafa por várias horas – com a tampa colocada e bem apertada. Será que a garrafa alguma vez ficará cheia? Quantas vezes isto acontece na vida espiritual! Cristo anseia encher-nos com o Espírito Santo! Ele deseja conceder-nos essa nova vida! Mas Ele não forçará a Sua presença em nós. Precisamos de estar desejosos de Lhe render tudo o que nos impede de ter uma experiência mais profunda com Ele.

[MÓDULO 4] O CICLO DO EVANGELISMO

Ter sucesso no evangelismo exige um plano bem definido. Este módulo irá ajudar a orientar a Igreja através de um processo de preparação para uma colheita evangelística. “Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. [...] Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retenhas a tua mão; pois tu não sabes qual das duas prosperará, se esta, se aquela, ou se ambas serão igualmente boas” (Eclesiastes 11:1, 6).

O verdadeiro e mais avançado sucesso no evangelismo requer definitivamente um plano com objetivos específicos. Para alcançar isto, a tua

igreja precisa de um planejamento prévio com calendário. Esta simples ferramenta irá ajudar a igreja através do processo de preparação de reuniões/conferências evangelísticas de colheita. Ter um plano bem definido fará toda a diferença na motivação e na união da igreja para uma série evangelística. Resultados mensuráveis são um fator muito inspirador.

Quando Jesus veio para salvar pecadores, Ele captou a atenção desses pecadores de várias maneiras. É-nos dito: “Só o método de Cristo dará verdadeiro êxito ao aproximarmos-nos do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como Alguém que desejava o seu bem. Manifestava simpatia por eles, ajudava-os nas suas necessidades e ganhava a sua confiança. Depois ordenava-lhes: ‘Segue-Me’” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 94, ed. P. SerVir).

[MÓDULOS 5 E 6] EVANGELISMO PELA AMIZADE I E II

Jesus foi o grande Mestre em alcançar o coração humano. Independentemente do seu passado, cada pessoa que O conhecia sentia o quanto Ele a amava e valorizava.

À medida que experimentamos e recontamos a história da redenção, ela não causa impacto em todas as pessoas que estão ao nosso alcance. “Então disse aos seus discípulos: ‘A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao Senhor da seara que envie trabalhadores para a sua seara’” (Mateus 9:37 e 38). Jesus era um Mestre na arte de alcançar o coração humano. Fosse qual fosse o seu passado, cada pessoa

Jesus foi o grande Mestre em alcançar o coração humano.

***“Procurava-o nas ruas
públicas, nas casas
particulares, nos barcos,
na sinagoga, nas margens
do lago e nas festas
nupciais.”***

saía da Sua presença sentindo-se respeitada, amada e valorizada por Ele.

“Jesus via em cada pessoa alguém a quem devia ser feito o convite para o Seu Reino. Aproximava-Se do coração do povo, misturando-Se com ele como Alguém que desejava o seu bem-estar. Procurava-o nas ruas públicas, nas casas particulares, nos barcos, na sinagoga, nas margens do lago e nas festas nupciais. Ia ao seu encontro nas suas ocupações diárias, e manifestava interesse nos seus negócios seculares. Levava as Suas instruções às famílias, pondo-as assim, no próprio lar, sob a influência da Sua divina presença. A poderosa simpatia pessoal, que d’Ele irradiava, conquistava os corações” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 117, ed. P. SerVir).

Jesus anseia que os Seus filhos estendam este mesmo amor a outros, hoje! Mas como é que iniciamos estes relacionamentos? Como é que começamos uma conversa espiritual com um amigo, um vizinho ou um colega de trabalho? Desenvolvendo o “Evan-

gelismo pela Amizade” conseguiremos construir ligações poderosas, até mesmo com as pessoas mais tímidas.

As pessoas podem argumentar contra a tua teologia. Elas podem também contradizer a tua interpretação da Bíblia. Elas podem ridicularizar a tua fé. Mas elas não podem desafiar o poder do teu testemunho. O trabalho transformador de Deus na vida das pessoas é a evidência incontornável da Sua existência. Uma vida que é fundida e moldada sobre a influência do Espírito Santo é, só por si, todo um sermão evangelístico. A nossa confissão da Sua fidelidade é a agência escolhida pelo Céu para revelar Cristo ao mundo. “E eles o venceram, pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte” (Apocalipse 12:11).

Porquê uma Escola de Discipulado? Porque, para fazer avançar o Reino de Deus neste mundo, são necessários discípulos, muitos discípulos, para alcançar o coração de todo o tipo de pessoas, que se encontram em todo o tipo de lugares e situações, pessoas que precisam que alguém real, e seu igual, lhes mostre, de forma tangível, o maravilhoso caráter de Deus, lhes mostre, de forma prática, o infinito amor de Jesus e lhes mostre que o Santo Espírito tem todo o poder no Céu e na Terra para transformar a vida de todo aquele que decide entregar o seu coração a Jesus, e que quer fazer parte do Seu glorioso Reino!

No segundo artigo desta série veremos como podemos ser a voz e as mãos que semeiam o amor de Deus!



*

Missão de Deus partilhada com o ser humano em co-responsabilidade, coexecução e coparticipação nos resultados e na glória eterna.



Cerimónia de Investiduras em Coimbra

10 FEV 2018 | CARLOS SANTOS, DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA IASD DE COIMBRA

Aconteceu numa tarde de sábado, a 18 de novembro do ano de 2017. Os ponteiros do relógio marcavam as 16 horas e 15 minutos. Aos acordes do Hino “Nós Somos os Desbravadores” seguimos, com olhar atento, a entrada na sala de culto da juventude da nossa igreja, desde as nossas pequeninas crianças até aos jovens mais adultos, garbosos nas fardas que envergavam. Não era difícil perceber que estavam compenetrados na cerimónia que lhes pertencia e que, para eles, era mais um marco importante na sua vida na Igreja.

Vinham acompanhados pelos seus guias e mentores espirituais, cujo trabalho a favor de todos eles resultou, até ao momento, numa messe de positivos resultados durante o ano eclesialístico. A dedicação e os permanentes cuidados sobre aqueles corações em crescimento espiritual foram orientados, semana após semana, no sentido de que não houvesse qualquer mancha de tristeza ou mágoa. Faz-nos recordar com saudade os tempos distantes dos filhos e das filhas – alguns já pais e mães – e que não destaco

por reçar faltar algum nome. Estão, no entanto, numa das “prateleiras” do nosso coração! O Pr. Paulo Neves, que teve a honra de presidir à Cerimónia das Investiduras, destacou na sua intervenção espiritual a importância dos Desbravadores e a liderança que devem adquirir com firmeza de coração nestes tempos difíceis, que tanto provocam e ameaçam a juventude da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Na sua qualidade de Ministro do Culto, trouxe perante a assistência presente, constituída por familiares, amigos e visitas, nomes de alguns personagens do Velho Testamento, nomeadamente o do rei Josias, um modelo de referência de valores religiosos e morais que continuam vivos até aos dias de hoje para inspiração da nossa juventude. Lembrou a nobre infância daquele bom monarca, oferecendo-nos a imagem bíblica do florescimento de um verdadeiro Tição, Desbravador, Companheiro e Sénior, fiel ao Senhor e ao Seu povo, de espírito intercessor e reformador. Convidou-nos a acompanhá-lo na leitura da inspirada narrativa de II Crónicas, capítulo 34:1-4, a fim de nos fazer sentir que, com o Espírito de Cristo, o Espírito Santo, somos convidados a fazer o bem para Sua honra, da Sua Palavra e da Sua Igreja.

A Cerimónia em apreço, respeitante à substituição e colocação de novos lenços, à atribuição de insígnias e à entrega de emblemas respeitantes às diversas especialidades e disciplinas, com certeza ficará no coração de todos os intervenientes.

Foram momentos muito queridos, muito amistosos, aqueles que os Desbravadores, dos pequeninos aos mais adultos, experimentaram na sua vida como “filhos e filhas do Senhor”. No rosto dos familiares mais diretos (pais e avós), estava espelhada a serena alegria por verem estes seus queridos, “sangue do seu sangue”, a crescerem sob o olhar atento e protetor do nosso amado Salvador.

Toda a Direção de Jovens, desde a mais humilde intervenção até à de maior sentido de responsabilidade, e todos nós afinal, como membros da Igreja que “observa a verdade”, nos devemos sentir cada vez mais firmes na fé “que um dia foi dada aos santos”. Desejamos que o Espírito de Deus, nosso Guia e fiel Consolador, continue a animar e a fortalecer a alma e o coração de todos os nossos queridos, crianças e jovens, até ao dia da manifestação gloriosa e triunfante de Jesus, nosso Senhor e Rei. Maranata!



Batismo em Coimbra

9 ABR 2018 | CARLOS SANTOS, DIRETOR
DE COMUNICAÇÃO DA IASD DE COIMBRA

Estávamos a 10 de março de 2018, na manhã do Santo Dia do Senhor. Eram três os motivos dignos de re-

gisto espiritual naquele sábado: por ser o dia memorial da Criação e da Redenção; por se iniciar uma Semana de Oração de Jovens; e pela realização de mais um batismo, em conformidade com o mandamento e a experiência pessoal do Salvador. Chegou então a hora solene da Cerimónia Batismal do nosso amigo Paulo Alexandre Mateus da Silva, que seria presidida pelo Pr. Paulo Neves. Antes, porém, o Ancião João Craveiro teve a particular comissão de questionar o candidato sobre pontos doutrinários bíblicos. Este, com respostas positivas, dava testemunho público do seu compromisso de consagração. Eram 12h01 quando o candidato ao batismo foi mergulhado pelo Pr. Paulo Neves nas águas aquecidas do baptistério da igreja de Coimbra. Revelador de um grande cuidado em cativar almas para Jesus, o Pr. Paulo Neves dirigiu, por fim, um apelo a todos os presentes para a necessidade de conhecerem o Salvador e a Sua palavra e descerem às águas batismais. Como resposta, levantaram-se cerca de treze pessoas, desejosas de assumir tão sério compromisso. É justo salientar ainda a dedicação da Obreira Bíblica e Anciã, a nossa irmã Del Carmen, que, sempre orientada pelo Espírito de Jesus, conduziu o irmão Paulo Alexandre até ao cumprimento da ordem estabelecida pelo Salvador ressuscitado: “Quem crer e for batizado será salvo” (Marcos 16:16). O Diploma de Batismo foi entregue em mão (não sem alguma emoção) pela nossa irmã Anabela Craveiro. O novo

membro foi a seguir presenteado por duas crianças com um lindo e muito simples arranjo floral, sendo-lhe no mesmo instante oferecidos, em nome da igreja, alguns livros do Espírito de Profecia, entregues pelas mãos das nossas irmãs Del Carmen e Marta Carapinheira. Desejamos ao nosso irmão Paulo Alexandre que, em todo o percurso da sua vida pessoal e espiritual, segure, firmemente, nas mãos de Deus e nunca desista da Sua divina e compassiva companhia. Maranata! Sim, Jesus vem!



Páscoa Judaica na ICAOD

26 ABR 2018 | DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA ICAOD

A 30 de março de 2018, ano em que, excepcionalmente, o dia do *Seder* judaico coincidiu com a Sexta-Feira Santa do calendário cristão, a igreja do CAOD viveu uma experiência espiritual inédita. Por iniciativa da Pastora Maria João Vale e sob a orientação do Pastor Richard Elofer, responsável, na Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, pelo *World Jewish Adventist Friendship Center* (Centro Mundial da Amizade entre Adventistas e Judeus), realizou-se no refeitório do colégio um *Seder* (jantar de Páscoa), que contou com a participação de membros das igrejas vizinhas de Oli-

veira do Douro e Vila Nova de Gaia e ainda de Alpendurada, Matosinhos e Vila do Conde.

Este jantar cerimonial acontece após o anoitecer, na primeira noite do *Pessach*, e celebra o aniversário do êxodo milagroso e da libertação da nação israelita da escravidão egípcia, há mais de 3000 anos. A refeição foi reproduzida por decalque do que acontece ainda hoje nos lares judaicos. Viveu-se uma maratona festiva, seguindo a *Hagadá*, texto utilizado para os serviços da noite do *Pessach*. Para além da narrativa da libertação, conforme é descrita no livro de Êxodo, a *Hagadá* contém as orações, as canções e os provérbios judaicos que acompanham esta festividade. Ao longo do serão, a simbologia dos alimentos ingeridos foi comentada em pormenor, por forma a assinalar o júbilo da passagem à liberdade e a enfatizar todas as implicações espirituais deste conceito na vivência cristã contemporânea.

Lembrar vivencialmente as origens da Páscoa cristã foi uma forma muito didática de aproximação ao pensamento judeu, cujo legado espiritual é a matriz da crença no Messias, o Libertador, que, é sabido, já nasceu entre os homens e já resgatou da escravatura todos os que souberem reconhecê-lo.

No sábado, 31 de março, os serviços religiosos tiveram lugar nas instalações da igreja de Oliveira do Douro, onde o Pastor Richard Elofer desenvolveu um sermão à volta da temática da Última Ceia de Je-

sus. À tarde, fez a apresentação do já referido *World Jewish Adventist Friendship Center*, procedendo ao enquadramento deste Departamento no contexto bíblico do ministério em favor dos Judeus.

Foi um fim de semana único e muito proveitoso. Toda a igreja ficou muito grata a Deus e reconhecida ao Pastor Elofer. A todos, se Deus quiser, dizemos: “Até ao próximo ano, em Jerusalém!”

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS



Refugiados Venezuelanos Receberão mais de Meio Milhão de Dólares

26 ABR 2018 | ANN/RA

Os refugiados venezuelanos que têm chegado às cidades de Boa Vista e Pacaraima, no Brasil, receberam recentemente boas notícias. A ADRA e o Escritório de Assistência às Catástrofes no Estrangeiro (EACE), uma organização humanitária relacionada com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (AEUDI), estabeleceram uma parceria, de modo a concederem 600 000 dólares em ajuda imediata para a região.

A ADRA é a única ONG que recebeu esta dotação da AEUDI/EACE para prestar auxílio a 4650 migrantes nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, no Estado de Roraima, junto da fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Até à data, há mais de 52 000

Venezuelanos que procuraram refúgio no Brasil, segundo um relatório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados. De acordo com a ADRA Brasil, o projeto irá apoiar 1500 famílias (ou 4650 pessoas) durante os próximos seis meses. Esta ação focar-se-á em complementar o esforço do governo local, fornecendo materiais para satisfazer as necessidades básicas dos refugiados.

Os voluntários da ADRA irão começar a distribuir pacotes de higiene, colchões, sandálias e material de cozinha aos refugiados para suplementar os alimentos que já estão a ser fornecidos pelo governo brasileiro. Durante os próximos seis meses, os voluntários da ADRA irão formar aqueles que habitam nos abrigos para que mantenham bons hábitos de higiene, de modo a evitar doenças contagiosas.

O número de Venezuelanos que chegam ao Brasil continua a crescer, com mais de 800 pessoas a entrarem todos os dias no país, vindas da Venezuela. Entre os vários desafios que esta população migrante tem de enfrentar está o acesso à alimentação, à medicação, à habitação e à educação.



DESCANSOU NO SENHOR

Irene da Silva Tomé



9 FEV 2018 | CARLOS SANTOS,
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA IASD DE COIMBRA

Quem conheceu de perto a irmã Irene da Silva Tomé não esquecerá a sua maneira de ser enquanto fervorosa seguidora da mensagem do Advento, cuja causa abraçou e pela qual sofreu. Fica-nos a lembrança de uma mãe e esposa exemplar, sempre preocupada com a vida espiritual do seu marido e das suas filhas, por quem orava a Deus em todo o tempo. Fica-nos também a imagem de uma irmã de alma confiante e de coração recetivo às coisas imperecíveis e eternas. As raízes da sua fé e da sua esperança aprofundaram-se durante os muitos anos em que foi membro na igreja de Coimbra. Um dia, por razões familiares, foi forçada a deslocar-se para uma zona algo distante de Coimbra e, assim, passou a fazer parte da igreja de Serpins, que frequentava sábado após sábado, até que a doença se instalou no seu corpo, debilitando-a sobremaneira, e a remeteu para um Centro de Saúde até ao fim da sua vida. Faleceu no dia 28 de dezembro de 2017, numa quinta-feira, quando já tinha 86 anos. A cerimónia fúnebre, decorrente no dia seguinte, esteve a cargo do Pr. Paulo Neves, após a qual o corpo da irmã Irene Tomé foi transportado em carro funerário para o Crematório Municipal de Taveiro, em Coimbra. Na presença de todos os que, por laços de família ou de simpatia pessoal e cristã, acompanharam o doloroso evento, o Pr. Paulo Neves expôs, naquele momento, diversos textos das

Escrituras, lembrando, por fim, a escolha que cada um deve fazer enquanto estiver aqui neste mundo de pecado: a da vida eterna em Cristo, aceitando-O e seguindo-O; ou a do caminho largo da morte, de consequências eternas! O oficiante fez-se ouvir ainda através da leitura das palavras de Jesus proferidas aquando da morte de Lázaro, referindo, particularmente, as anunciadas a Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11:25). Registamos também a participação das filhas da nossa falecida irmã. A Cláudia fez questão de ler o Salmo 23 (sabendo o que a sua mãe sentia por esta passagem bíblica) e a Helena leu com emoção uma carta que traduzia o seu carinho pela mãe que agora descansava. Do mesmo modo, o irmão Moisés Silva, na qualidade de familiar próximo, quis marcar a sua presença trazendo algumas mensagens da Bíblia e exaltando-a como o Livro da “Verdade Presente”. Por fim, foi proposto o cântico do Hinário Adventista intitulado “Breve Jesus Voltará”, cujas estrofes eram as preferidas da irmã Irene Tomé. Mercê da sua fidelidade e do seu amor a Jesus, temos por certo que a nossa querida irmã, cuja “vida está escondida com Cristo em Deus” (Col. 3:3), vai acordar na gloriosa manhã da ressurreição e “assim estará para sempre com o Senhor”. Que as solenes e proféticas palavras sobre o triunfante regresso do Mestre sejam, para cada um de nós, um sinal de alegria espiritual, de conforto e de paz em Cristo Jesus, nosso eterno Senhor e bendito Salvador. Maranata!



Jorge Silva
Diretor Geral da ASA

ASA, 38 ANOS DE AÇÃO SOCIAL ADVENTISTA INSTITUCIONAL EM PORTUGAL

Tendo o seu início no trabalho voluntário de responsabilidade social dos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Assistência Social Adventista foi fundada pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo dia com o objetivo de oficializar e enquadrar a atividade de apoio social, que já há muito vinha sendo desenvolvida por voluntários e por algumas instituições.

A Assistência Social Adventista (ASA) foi constituída a 24 de janeiro de 1980, tendo sido registada em 1991 como Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e adquirido a natureza de Pessoa Coletiva de Utilidade Pública.

Para desenvolver a sua atividade e dar cumprimento aos seus objetivos, nomeadamente de “Despertar e cultivar o sentimento de genuína ação cris-

tã”,¹ intervém nesta obra de responsabilidade social através de estruturas e serviços de resposta social, divididos pelas seguintes áreas de Ação:

1. Área de Apoio a Crianças e Jovens (ARCO-ÍRIS – Setúbal).
2. Área de Apoio à Integração Social e Comunitária (LAPI Sul).
3. Área de Apoio à Terceira Idade (LAPI Norte, LAPI Centro, LAPI Sul e LAPI Madeira).

LAPI – LAR ADVENTISTA PARA PESSOAS IDOSAS: 50 ANOS DE DISCIPULADO E SERVIÇO

Deus criou-nos à Sua imagem e semelhança (Génesis 1:27) e para vivermos eternamente (João 10:28; Romanos 6:23). Todavia o pecado veio manchar o plano divino. Neste mundo caído e frágil em que vivemos, as consequências dessa desobediência vão-se tornando mais perceptíveis em cada ser humano ao longo da sua breve existência nesta Terra: no seu envelhecimento, na perda de autonomia e de independência, em cada ruga e cabelo branco, na doença e, finalmente, na morte.

Por isso, o Salmista rogava a Deus “não me rejeites no tempo da velhice; não me desampares, quando se for acabando a minha força. [...] Mesmo quando eu estiver velho e de cabelos brancos, não me desampares, ó Deus” (Salmo 71:9, 18).

Inerente ao ciclo da vida, o envelhecimento é um processo inevitável e cada ser humano envelhece de forma diferente. Com as transformações sociais e económicas, os avanços ao nível da medicina e a melhoria das condições de vida, a esperança média de vida tem



progressivamente aumentado e transformado Portugal numa sociedade cada vez mais envelhecida. De acordo com o INE,² o número de idosos já supera os dois milhões e prevê-se que o índice de envelhecimento mais do que duplicará, passando de 147 para 317 idosos, por cada 100 jovens, em 2080. Estudos na área da Geriatria e da Gerontologia têm revelado um aumento da prevalência de doenças crónicas e das situações de dependência em idosos.³

Certamente era plano de Deus que os idosos pudessem ser acolhidos pelos próprios parentes, assim escreveu Ellen G. White: “Que os membros de cada família ministrem aos próprios parentes.”⁴ Presentemente, o cuidador familiar continua a estar diretamente associado à função de cuidar e não se desresponsabilizou do seu papel, mas os atuais contextos sociais têm levado cada vez mais as famílias a recorrerem a apoio técnico e a outros recursos necessários na prestação de cuidados.

Assim, para a promoção da dignidade da vida e do bem-estar de cada idoso e utente, o LAPI procura cuidar das vertentes biológica, psicológica,

social e espiritual, não esquecendo a questão relacional e afetiva. Para isso, presta diversos serviços, dos quais se destacam, entre outros: Serviço de capelania (assistência e orientação espiritual, meditações matinais para colaboradores e utentes, programas de visitação, oração e estudo da Bíblia, desenvolvimento de programas para a comunidade); departamento social e de animação social (Planos de Atividades de Desenvolvimento Pessoal e Planos Individuais); serviço médico; enfermagem; fisioterapia; nutrição (através de uma alimentação saudável, tendencialmente ovo-lacto-vegetariana); higiene pessoal; e lavandaria. Estes serviços são prestados por uma equipa com mais de uma centena de colaboradores.

Antes de ser enquadrado na ASA, o LAPI (Lar Adventista para Pessoas Idosas) teve o seu início em 1968, com o primeiro Lar para Pessoas Idosas em Pero Negro. Esta Instituição de referência a nível nacional comemora, neste ano de 2018, o seu quinquagésimo ano de existência. Louvamos Deus por esta efeméride e pelo reconheci-



mento da obra social Adventista neste país, neste meio século de existência. Este marco e este legado são o resultado conjunto do trabalho e do serviço dedicado de muitos crentes e dirigentes que têm apoiado esta causa.

Hoje, a ASA (na Área de Ação de Apoio à Terceira Idade) tem em funcionamento quatro estruturas de qualidade reconhecida, nos cuidados que presta aos seus utentes idosos, mas também a outros com diferentes necessidades e dependências.

Ao longo dos anos, a ASA (na Área de Ação de Apoio à Terceira Idade) tem vindo a expandir-se através da sua rede LAPI, contando hoje com unidades em Vila Nova de Gaia, Leiria, Salvaterra de Magos e Funchal, que desenvolvem as respostas sociais de Centro de Dia (CD), Serviço de Apoio Domiciliário (SAD), Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) e Cantinas Sociais (CS) com uma capacidade autorizada para 351 utentes e aguardando autorização do ISS para aumentar a sua resposta. De acordo com os dados estatísticos, no final de 2017, a taxa global de ocupa-

ção dos serviços dos LAPI era de 75%, dividida por 133 utentes em ERPI, 24 em CD, 50 em SAD e 58 em CS, num total de 265 utentes.

Quanto à caracterização dos utentes de Lar (ERPI), podemos dizer que estes são maioritariamente senhoras (75%) e a proporção total de Adventistas é de 56%, sendo que, no LAPI Sul, esta percentagem atinge os 84%. A média de idades ronda os 86 anos e 3% dos utentes não têm família. Relativamente à resposta social de CD, a média de idade dos utentes é de 79 anos, maioritariamente senhoras (71%) e 96% dos utentes não são Adventistas. No SAD a média de idades é de 80 anos, maioritariamente senhoras (72%) e a percentagem de Adventistas é de 16%.

Em 2012, o LAPI Sul foi a primeira Resposta Social certificada com o nível A, o nível máximo de certificação em Portugal. Este ano de 2018 será o ano de renovação dessa certificação de Qualidade.

A missão dos LAPI tem sido “servir todos os idosos, independentemente da sua etnia, religião ou cultura”, e a sua visão de “qualidade total nos serviços



prestados” reflete-se na procura contínua de dar uma melhor qualidade de vida àqueles a quem serve, através dos serviços disponibilizados nas respostas sociais do LAPI Norte, LAPI Centro, LAPI Sul e LAPI Madeira.

Conscientes de que “está a sabedoria com os idosos, e, na longevidade, o entendimento” (Job 12:12), as estruturas da ASA (na Área de Ação de Apoio à Terceira Idade) prosseguem no seu papel ativo e dinâmico nesta área social – apoiando a comunidade, as igrejas, reforçando as parcerias e procurando assegurar a satisfação de colaboradores e parceiros – através de um serviço diferenciado centrado na esperança em Cristo e numa genuína ação cristã, enquanto importantes Centros de Influência.

Ao considerarmos os desafios existentes, olhamos com otimismo e confiança para o futuro, na certeza de termos a graça de Deus para a prossecução dos objetivos estatutários e dos Planos de Ação que nos propusemos alcançar.

Visite e apoie as nossas instituições e os nossos utentes. Procuramos voluntários em várias áreas que nos ajudem neste ministério, e recursos que nos ajudem a responder às necessidades identificadas em cada uma das estruturas e na prossecução da nossa missão.

¹ Ponto 1 do artigo 3 dos Estatutos da ASA.

² www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=NE&xpgid=ine_destaquas&DESTQUESdest_boui%20=277695619&DETAQUESmodo=2&xlang=pt.

³ <https://www.dgs.pt/estatisticas-de-saude/estatisticas-de-saude/publicacoes/portugal-idade-maior-em-numeros-2014.aspx> e C. Sequeira, *Cuidar de Idosos com Dependência Física e Mental*, Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, 2010.

⁴ Ellen G. White, *O Lar Adventista*, p. 363.



3D

Espaço <<
>> Juvenil

ILUSTRAÇÃO: WWW.SBB.COM.BR



A BÍBLIA DE MARY JONES



Paula Amorim
Diretora-Associada dos Ministérios da Criança da UPASD

» VERSÍCULO 3D «

“Mas a palavra do SENHOR permanece para sempre.”

[I Pedro 1:25.]

Reproduz numa tabuinha de barro o texto bíblico do original grego, que aparece em baixo, gravando as letras com um pau afiado.

Assim, terás um artefacto arqueológico da Bíblia. O texto é:

“το δε ρημα κυριου μενει εις τον αιωνα.”

» HISTÓRIA 3D «

Há muito, muito tempo, a Bíblia era transmitida oralmente de pais para filhos. Ainda não tinha sido escrita e não era possível lê-la; apenas podia ser ouvida.

No tempo de Jesus já havia manuscritos e pergaminhos (peles de animais ou cadernos de papiro onde os escritores bíblicos, desde Moisés até ao discípulo João, escreveram o texto inspirado por Deus). Eles tinham a forma de rolos, que eram abertos e lidos na sinagoga. Quando Jesus começou a pregar, leu no livro de Isaías. Confirma na tua Bíblia o texto, em Lucas 4:16 e 17.

Mais tarde, no século XV, a Bíblia foi o primeiro livro a ser impresso, mas, como podes imaginar, eram poucos os exemplares e muito caros.

Passado muito tempo, no País de Gales, Mary Jones, uma menina de oito anos, tinha que ir à igreja para ouvir as histórias da Bíblia. Quando ela aprendeu a ler, leu um trecho da Bíblia na sua igreja. Desde esse dia, decidiu comprar uma Bíblia, para que pudesse lê-la sempre que desejasse. Como a família era pobre, ela trabalhou durante seis anos para comprar uma Bíblia. Quando completou quinze anos, disse ao pai que ia à cidade de Bala para comprar uma Bíblia. O pai tentou mostrar-lhe que a cidade ficava longe (cerca de 40 quilómetros) e a viagem era perigosa, mas Mary estava decidida a ter a sua Bíblia e nada a impediria de fazer a viagem a pé, e sozinha. Corajosamente, fez a longa e difícil viagem. Ao avistar a cidade, encheu-se de alegria ao pensar na Bíblia que ia comprar. Mal entrou na cidade, começou a bater às portas para

encontrar o Pr. Charles, que teria a sua Bíblia. Ao encontrá-lo, ela contou-lhe tudo o que tinha feito para ter uma Bíblia, e ele disse-lhe: “Mary, esta é a última Bíblia que tenho e já tem comprador, mas tu mereces ficar com ela, porque fizeste muito mais do que qualquer outro para tê-la.”

Quando Mary voltou para casa, cheia de alegria, com a sua Bíblia, o Pr. Charles, tocado pelo exemplo desta menina, decidiu construir uma casa que traduzisse, publicasse e distribuísse a Bíblia mundialmente. Assim foi criada a Sociedade Bíblica, que hoje divulga a Bíblia em mais de 2000 línguas e dialetos e em diferentes formatos, desde o livro até às aplicações informáticas que nos permitem ter a Bíblia junto de nós, todos os dias.

Como vimos, a Bíblia passou por muitas etapas até chegar às nossas mãos. Hoje podemos seguir a sua história, recorrendo aos materiais descobertos pela Arqueologia. Podemos ver antigos manuscritos e artefactos que nos mostram que a Bíblia é o livro mais antigo e que foi preservado por Deus ao longo dos tempos para que todos possam ler e apreciar a Palavra de Deus. Quando leres a tua Bíblia, lembra-te de que tens um tesouro muito antigo nas tuas mãos e de que este dura para sempre.

» DESCUBRE MAIS «

A descoberta mais importante que a Arqueologia fez sobre a Bíblia foi protagonizada por um Beduíno. Um rapazinho que levou as suas cabras a pastar junto às grutas de Qumran. Uma das suas cabras fugiu e ele pensou que ela estaria escondida nas grutas. Então, decidiu atirar pedras para o interior da gruta,

esperando acertar na cabra. Mas, quando as pedras caíram na gruta, em vez de ouvir o animal, ele ouviu o som de vasos a partir. Ficou curioso e entrou nas grutas. Foi aí que descobriu vasos onde estavam guardados os manuscritos mais antigos da Bíblia. Podes ver toda a história no site www.chamada.com.br, em “O Verdadeiro Tesouro dos Manuscritos do Mar Morto”, ou na *Wikipedia*, em “Os manuscritos do Mar Morto”.

» DESENVOLVE SEMPRE «

A Arqueologia Bíblica é o estudo que analisa os restos materiais das civilizações antigas para melhor compreender o texto bíblico. Hoje pode-se confirmar muitos relatos antigos da Bíblia graças a esses materiais. Por exemplo, a tomada de Babilónia relatada em Daniel 5:30 e 31 também foi relatada pelo rei Ciro num cilindro de pedra com escrita antiga. Este cilindro encontra-se num museu muito importante e é uma descoberta arqueológica de muito valor. Visita a *Wikipedia*, em “Arqueologia Bíblica”, e procura o subtítulo “Objetos de Escavação Documentados”, ou procura na *Wikipedia* o artigo “Cilindro de Ciro”.

» DÁ-TE À OBRA «

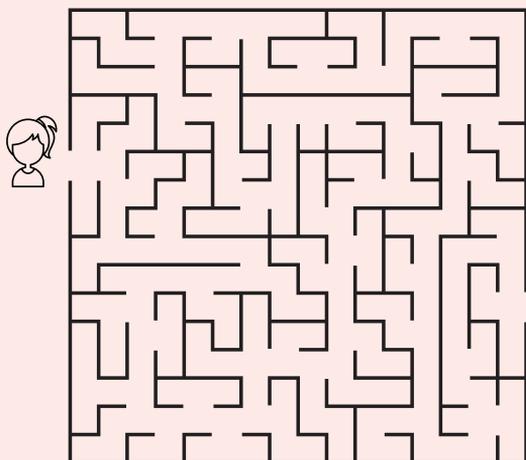
Há muitos materiais para pesquisar e entender melhor a Bíblia. Esses materiais foram produzidos após as descobertas feitas pela Arqueologia Bíblica. Tu também podes entender melhor a Bíblia, recorrendo a tais materiais. Alguns desses materiais são as Enciclopédias da Bíblia, que nos indicam significados de palavras e costumes antigos. Por exemplo, as medidas e os pesos na

Bíblia são diferentes dos nossos. Graças às pesquisas que foram feitas pôde-se descobrir que o côvado (medida de comprimento bíblica) corresponde à distância entre a ponta do dedo médio da mão e o cotovelo, o que seria hoje

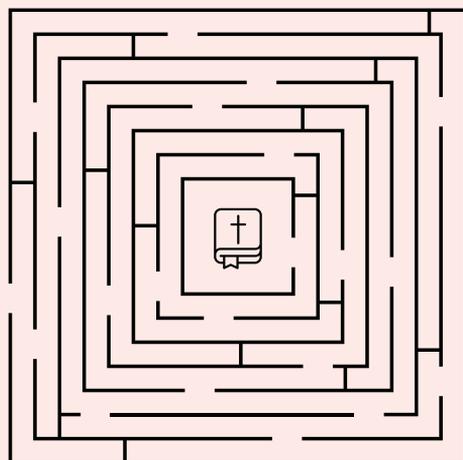
57cm. Agora já podes calcular a medida da arca de Noé, que se encontra em Gênesis 6:15, e compreender que ela era uma obra incrível para aquele tempo. Mãos à obra! Faz o cálculo das medidas da arca e partilha com um amigo.

>> ATIVIDADES 3D <<

1. Mary Jones juntou dinheiro durante seis anos para comprar a sua Bíblia. Resolve o **LABIRINTO 1** para ajudares Mary Jones a chegar ao dinheiro. Quando, finalmente, conseguiu o dinheiro exato para comprar a Bíblia, caminhou 40km para a obter. Sabes o que tens a fazer. Resolve o **LABIRINTO 2**. Foram precisos seis anos e alguns meses para poder realizar o seu sonho. Deus usou Mary Jones para espalhar a Sua Palavra. Hoje, tu e eu podemos ter uma Bíblia sem esperar muito e sem caminhar tanto. Louvado seja Deus!

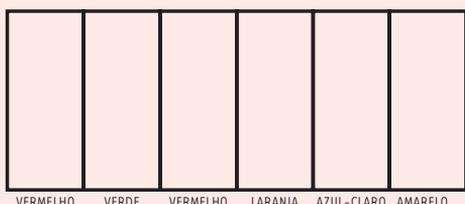
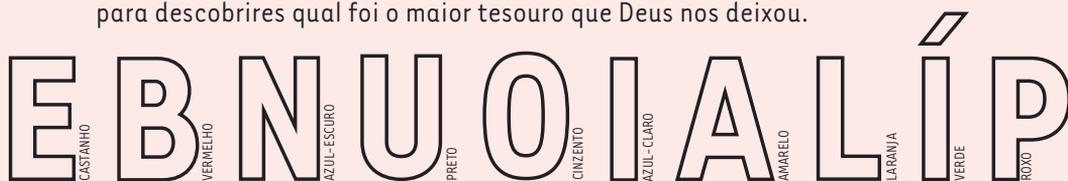


LABIRINTO 1

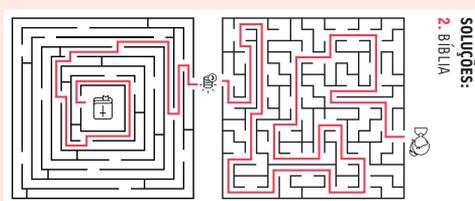


LABIRINTO 2

2. Pinta as letras com a cor respetiva e, depois, transfere as letras para as caixas abaixo para descobrires qual foi o maior tesouro que Deus nos deixou.



VERMELHO VERDE VERMELHO LARANJA AZUL-CLARO AMARELO



SOLUÇÕES:
2. BIBLIA

UMA VIDA DE SERVIÇO



Reinaldo Santos
*Colportor Evangelista
aposentado*

Em 1972, pouco depois do meu batismo em Angola, assisti a uma apresentação do Diretor da Colportagem da Conferência Geral. Fiquei maravilhado e, ao mesmo tempo, triste, por não ver em mim capacidade para fazer aquele trabalho que tanto me entusiasmou. Um ano depois, regresssei a Portugal. Passado pouco tempo, o irmão António Lima, que já tinha sido Colportor em Angola, veio morar em Atalaia do Campo e recomeçou o seu ministério nesta zona. Ele acabou por me levar a ingressar na obra e foi-me ensinando e adaptando ao trabalho durante um ano. Depois de ele ter regressado à sua região de origem, fiquei a exercer o ministério na zona de Castelo Branco. Na altura, a Publicadora disponibilizava os seguintes livros para a Colportagem: *A Saúde pelos Alimentos*, *A Saúde pelos Tratamentos Naturais*, *O Guia Prático de Educação* e *O Grande Conflito*. Os livros eram vendidos em separado e, naturalmente, os que mais vendíamos eram os que tratavam de saúde. Mas, a dada altura, o Senhor Jesus colocou

Envie-nos o seu testemunho para:
revista.adventista@pservir.pt

no meu coração uma decisão firme e bem determinada: Eu não venderia mais livros avulso, mas unicamente a coleção dos quatro, com o propósito de fazer chegar *O Grande Conflito* a um maior número de pessoas. E o milagre aconteceu! Na zona de Castelo Branco, Fundão e Covilhã, milhares e milhares de livros *O Grande Conflito* foram vendidos! Recordo aqui apenas uma experiência da venda da coleção a uma Professora chamada Manuela Guterres, que, passado algum tempo, e após ter lido o livro *O Grande Conflito*, me dizia, maravilhada: “É preciso que todas as pessoas do nosso país leiam este livro!” Pouco tempo depois, aquela Professora tomava a decisão de descer às águas do batismo! A igreja de Atalaia do Campo viveu uma festa muito especial com esse batismo e, hoje, a igreja de Alvalade tem o privilégio de ter esta nossa irmã como uma mais-valia nos seus quadros. Terminei dizendo que, se eu permanecer fiel até ao fim, o Senhor Jesus vai mostrar-me, na Nova Jerusalém, muitas almas que chegaram à salvação através da leitura do livro *O Grande Conflito*. Louvado seja Deus por este tão importante ministério! Maranata!

O Senhor Jesus colocou no meu coração uma decisão firme e bem determinada.

CONGRESSO LUSO-ESPANHOL

MINISTÉRIOS DA MULHER

21-23 SETEMBRO 2018



se
luz

CONVIDADOS

Heather-Dawn Small

(Diretora-Associada dos MM na CG)

Dr. Julián Melgosa

(Diretor-Associado da Educação na CG)

Dagmar Dorm

(Diretora dos MM na EUD)

Denisse Hochstrasser

(Ex-Diretora dos MM na EUD)

Hotel Alcora Sevilha

Ctra. San Juan

– Tomares Km 1

San Juan de Aznalfarache

(Sevilha)

"Lembrem-se que dantes eram escuridão, mas agora são luz em união com o Senhor. Comportem-se como filhos da luz." Efésios 5:8.



Ministérios da Mulher
União Adventista Espanhola e Portuguesa

Inscrições: form.jotformeu.com/81412696240353



RA
REVISTA
ADVENTISTA

OFEREÇA UMA ASSINATURA! Como assinar? **219 626 200** ou assinaturas@pservir.pt

SIM, desejo oferecer uma assinatura da *Revista Adventista*: **1 ANO** [12 EDIÇÕES] = **19,00€** [IVA E PORTES INCLUIDOS]

Desejo receber a visita de um agente comercial

NOME

E-MAIL

LOCALIDADE

NIF

PAGO POR TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA AO SANTANDER.
NIB 0018-0000-5087-6696-0010-7

CHEQUE N°

JUNTO ENVIO CHEQUE NO VALOR DA ASSINATURA,
À ORDEM DE PUBLICADORA SERVIR, S.A.

BANCO

AUTORIZO O TRATAMENTO INFORMÁTICO DOS MEUS DADOS PARA
EFEITOS COMERCIAIS DA PSERVIR COM BASE NA LEI EM VIGOR.

ANEXAR ESTE CUPÃO AO COMPROVATIVO DE PAGAMENTO (A ASSINATURA SERÁ VÁLIDA APÓS COBRANÇA DA MESMA.) E ENVIAR PARA:
PUBLICADORA SERVIR, S. A. – CONTROLO DE ASSINANTES – RUA DA SERRA, Nº 1 – SABUGO – 2715-398 ALMARGEM DO BISPO.

DADOS PARA FATURAÇÃO

DADOS DO OFERTANTE



COLEÇÃO
Folhas de Outono



Reserve já o seu! Por telefone ou por e-mail: ligue **21 962 62 00** ou clientes@pservir.pt.

RA
REVISTA
ADVENTISTA

GOSTOU DA LEITURA DA RA? DÊ O SEU TESTEMUNHO, OFERECENDO UMA ASSINATURA. BENEFICIE ALGUÉM COM ESTA OFERTA ENRIQUECEDORA E RECOMPENSADORA!

Como assinar? **219 626 200** ou assinaturas@pservir.pt

NOME

MORADA

CÓDIGO-POSTAL

LOCALIDADE

E-MAIL

CONTACTO

PREENCHA OS **DADOS DO OFERTANTE** NO **VERSO DO CUPÃO**.

DADOS DO ASSINANTE